



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS**  
**CURSO: PSICOLOGIA**

**A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR: UM OLHAR  
SOBRE O SUJEITO E SEU TRABALHO**

JULIANA ALCÂNTARA MENDES RIBEIRO

BRASÍLIA  
JUNHO/2007

JULIANA ALCÂNTARA MENDES RIBEIRO

**A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR: UM OLHAR  
SOBRE O SUJEITO E SEU TRABALHO**

Monografia apresentada como requisito  
para conclusão do curso de Psicologia do  
UniCEUB – Centro Universitário de  
Brasília.

Professor orientador:

Dr. Fernando González Rey

Brasília/DF, Junho de 2007



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS**  
**CURSO: PSICOLOGIA**

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composto por:

---

---

---

A Menção Final obtida foi:

---

Brasília/DF, Junho de 2007

Dedico este trabalho aos meus pais e aos meus avós, pelo exemplo de determinação e de coragem, pelo incentivo em minha caminhada e pelo suporte durante toda a vida. Dedico, ainda, àqueles que caminharam comigo e me ajudaram a idealizar, sonhar e acreditar.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, a Deus, que me deu vida, me supriu de capacidades e que era o único pra quem eu pude falar e dizer absolutamente tudo que se passou comigo nesses cinco anos. Sem Ti, meu Pai, eu não poderia ter chegado aqui.

Aos meus avós, Iracema e José, Geralda e Antônio. Obrigada pelas palavras de amor e de incentivo, pelas orações e por serem sempre um lugar de refrigério para os momentos que me sentia cansada.

Ao meu Pai, Juarez, meu melhor amigo! Você sabe como eu te amo e como preciso de você. Nas horas em que me sentia fraca, só a lembrança do seu colo já me dava forças pra continuar. Eu sei de todas as lutas que você teve que enfrentar pra me fazer chegar até aqui.

A minha mãe, Juracy, a mulher que admiro e com quem almejo parecer. Eu tento imaginar como dói ser tão desprendida e fazer tudo para que os filhos voem mais alto. Você escondeu as lágrimas derramadas a cada passo que eu dava e que me distanciavam de você, lágrimas de saudade e de alegria por me ver vencer. Obrigada por me ouvir e orientar sempre que te liguei sem saber o que fazer.

Ao meu noivo, Aldo, por ter agüentado com muita frequência todos meus maus momentos e por não ter desistido ao conhecer meus defeitos. Obrigada pela paciência, pelo amor, pela amizade e pelos minutos de reflexão que me faz ter. Você despertou em mim uma alegria e uma beleza que me transformaram.

Aos meus irmãos, Juarez Junior e Juliene; Aos meus amigos, Amanda, Dilomar, Patrícia, Marcela, Mariana, Helena, Maíra Tatiana e Nathália; Aos primos, Cristiano, Lara, Lorena, Raquel e Mônica: por serem os momentos de alegria, distração e desabafo. A jornada foi bem mais fácil com vocês ao meu lado.

Aos meus tios, cada um de um jeito especial: João e Elidia, pela inspiração e por mudarem minha vida; Junior e Jurema, pelo apoio; Eurico e Jailda, pelos conselhos e lágrimas enxugadas, Janete, por acreditar tanto em mim!

E enfim, àqueles que marcaram minha vida profissional e contribuíram muito para a elaboração desta monografia: Rosmary, Marly Vidal e a todos meus colegas de trabalho. Obrigada pelo apoio e pela amizade.

Por fim, aos meus mestres!

Ao meu orientador, Fernando González Rey, pela paciência, pela confiança, pelo incentivo e por me acalmar nas horas em que eu já nem percebia como estava nervosa e ansiosa com tudo. Sua orientação e sabedoria foram indispensáveis para meu crescimento como pessoa. Em especial, aos professores, Maria Cristina Loyola, Ana Maria Beier e Janice Pereira, a quem deixei de ver apenas como mestres e grandes exemplos, e pude tê-las como amigas.

A amiga, Carolina Valente, que leu e releu esta monografia com todo o carinho.

Juliana

## SUMÁRIO

RESUMO .....	vii
INTRODUÇÃO: Por que o sofrimento no trabalho.....	08
Problema .....	11
Objetivos .....	11
CAPÍTULO 1: Fundamentos teóricos .....	12
Trabalho e Saúde Mental .....	12
Breve Histórico.....	13
Modelos teóricos de sofrimento no trabalho: críticas e contribuições .....	16
O sujeito .....	22
O sujeito e o Trabalho: Um Olhar Subjetivado.....	26
Complexidade e Subjetividade.....	29
A Teoria da Subjetividade.....	31
Sentido subjetivo .....	32
Configuração subjetiva .....	33
Subjetividade .....	33
Sujeito .....	35
A perspectiva de Gênero como Categoria de Análise.....	37
CAPÍTULO 2: Metodologia.....	40
A Epistemologia Qualitativa.....	40
O Momento Empírico.....	42
Contexto de Pesquisa.....	43
Participantes da pesquisa.....	44
Instrumentos e processos para a produção da informação .....	44
Entrevista de acolhimento.....	45
Dinâmica conversacional.....	46
Completamento de frases.....	47
Procedimentos de construção da informação .....	47
CAPÍTULO 3: Resultados e Discussão.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
BIBLIOGRAFIA .....	67
APÊNDICE .....	70
ANEXOS .....	73

Breve Histórico.....	13
Modelos Teóricos De Sofrimento No Trabalho: Crítica E Contribuições .....	16
O sujeito.....	22
Complexidade e Subjetividade .....	29
A Teoria da Subjetividade .....	31
Configuração subjetiva. ....	33
Subjetividade. ....	33
Sujeito.....	35
A perspectiva de gênero como categoria de análise.....	37

*"Não é o papel dos pobres como trabalhadores, como cidadãos ou como membros de uma comunidade que dá a este tema a importância que tem; não é o que fazem, mas o que sofrem; não é o que possuem, mas aquilo de que são privados [...]. Sua miséria, a exclusão e a repressão que eles sofrem é que dão ao seu protesto um valor fundamental. Porque é quando os problemas da vida privada e os da vida pública se unem da forma mais intensa para dar origem a um protesto cujo objetivo é a defesa da vida" (TOURAINÉ, 1989, p. 276).*

## RESUMO

O presente estudo propõe-se a abordar as implicações da subjetividade na relação do sujeito e seu trabalho, analisando os diferentes sentidos subjetivos associados à experiência individual de cada indivíduo. Assim, buscou-se apresentar e analisar os caminhos percorridos pelos estudos sobre saúde mental e trabalho, que buscam as características do contexto de trabalho que implicam sofrimento. Em seguida, visou-se verificar que os diversos contextos da vida do sujeito formam um complexo processo de subjetivação que implicam no posicionamento diferenciado de cada indivíduo diante da sua realidade, a partir da perspectiva da Teoria da Subjetividade de González Rey (2002). Sobre os olhos dessa perspectiva, o estudo não fica apenas na natureza das coisas, mas sim, nos contextos de interação entre o pesquisador, o sujeito e o ambiente. A singularidade também é valorizada como forma geradora de inteligibilidade sobre o tema proposto. Para tanto, utilizou-se de um estudo de caso, baseado na Epistemologia Qualitativa (González Rey, 2005), onde se visou conhecer percepções, idéias, bem como, buscar a apreensão dos significados das experiências vividas durante o exercício de suas funções e nas dimensões do trabalho que se apresentam como fatores de sofrimento para o trabalhador. A análise do relato das entrevistas realizadas juntamente com as respostas dadas pelo sujeito pesquisado no instrumento aplicado, indicaram o confronto entre os diversos contextos sociais do sujeito estudado, revelando a existências de três configurações subjetivas que implicaram em sofrimento: uma ligada as relações sociais no trabalho, outra constituída pelas expectativas pessoais muito influenciada pelo passado e uma última ligada aos conflitos entre as demandas familiares e profissionais. Os contextos constituintes das zonas de sentidos implicados no sofrimento foram a conjugalidade, a maternidade, as diferenças entre os gêneros e os domínios público e privado, além do próprio ambiente de trabalho. As experiências do passado e as expectativas que os indivíduos criam ao longo da vida também se destacaram como núcleos de configurações geradores de conflito na relação homem-trabalho.

Palavras-chave: trabalho, sofrimento, gênero e subjetividade.



## INTRODUÇÃO

### Por que o sofrimento no trabalho?

Ao longo desse último século, ocorreram conquistas e retrocessos, no que se refere ao processo de trabalho. Houve uma maior participação dos trabalhadores na construção de sua atividade; as condições de vida e de trabalho melhoraram; as empresas procuraram adotar práticas destinadas a equilibrar o trabalho e vida pessoal, transformando os níveis de desgaste físico, mas também geraram transformações nos modelos de exploração do homem, sua capacidade mental.

Além de atender a necessidades de ordem objetiva, o trabalho humano possui um caráter subjetivo, pois desempenha um papel decisivo como unidade produtora e estruturadora da identidade social. Codo, Sampaio & Hitomi (1995) destacam que não apenas o modo como o trabalho é executado - a atividade em si - como também o que resulta desse trabalho - o produto - são importantes na construção da identidade humana e ambos os fatores dizem respeito à questão de seu significado e da satisfação obtida por seu intermédio. A falta de significado e a impossibilidade de identificação com o trabalho canalizam as perspectivas de identificação do trabalhador para a vida privada. Assim, perdemos o sujeito coletivo dado pela mediação do trabalho, quando ele retorna à individualidade.

Considera-se a construção do sujeito um processo contínuo, um processo que acompanha a pessoa durante toda a sua existência. Esse processo não é inócuo, desprovido de reveses. Ao contrário, qualquer experiência pode ser bem aproveitada em favor dessa construção, cuja importância em relação ao trabalho pode ser observada tanto nas queixas trazidas no consultório clínico, como dentro do contexto organizacional, por meio dos relatos de trabalhadores. O trabalho tem papel de sobrevivência para o indivíduo e sua satisfação ou sofrimento depende de uma complexidade de fatores que precisam ser conhecidos.

Nesses contextos, duas questões chamaram a atenção da autora deste estudo. Primeiro, apesar das inúmeras mudanças que vem ocorrendo na relação homem-trabalho, percebe-se que, na realização de uma mesma atividade, alguns indivíduos adoecem e outros não; para alguns a atividade é vista como prazerosa, enquanto para outros é cansativa e até mesmo percebida como um sofrimento. Segundo, os estudos sobre saúde mental e trabalho buscam respostas capazes de interferir na organização do trabalho e que sirvam para modificar as relações de trabalho; talvez, por isso, os estudos esqueçam de compreender quem é o sujeito em sofrimento.

Diante dessas reflexões, surgiram algumas inquietações: Como, sob mesmas condições de trabalho, algumas pessoas sofrem e outras não? Como compreender os impactos diferenciados do trabalho sobre as pessoas? Enquanto não se mudam as relações de trabalho, ou se criam práticas que eliminem o seu sofrimento, como acolher este trabalhador nesse momento? O trabalhador deve esperar passivamente que as condições de trabalho se modifiquem e, enquanto isso, continuar sem ter quem escute e o ajude a lidar com suas dificuldades?

Este estudo tem a intenção de trazer dados e reflexões que ajudem a analisar e compreender acerca da relação sujeito-trabalho-sofrimento, a partir da produção diferenciada de sofrimento em cada indivíduo.

Na teoria de subjetividade de Fernando Gonzáles Rey (2002), encontra-se um sujeito que é uma pessoa viva, criativa, pensante, que se posiciona, que sente e também reage, parte constituinte dos sentidos subjetivos no próprio curso da atividade em que está inserido. Este estudo é uma tentativa de olhar para o sujeito inserido em sua atividade, bem como refletir sobre o papel do trabalho na constituição da identidade humana e não apenas nas formas de organização do trabalho, caminho cursado pela maioria dos estudos da psicologia na área de saúde no trabalho.

O capítulo 1 do presente estudo divide-se em três análises. Na primeira delas, procura-se mostrar que os caminhos percorridos pelos estudos em saúde mental no trabalho – apesar de suas inúmeras contribuições – acabaram por perder o indivíduo que está inserido nesse contexto, e cita algumas teorias e os principais conceitos definidos nas pesquisas entendidas como análise da psicopatologia do trabalho.

No entanto, tem-se percebido que o sentido subjetivo do trabalho, bem como a configuração do sofrimento, é diferente em cada indivíduo, resultante das integrações de sentido associado a diferentes áreas da vida do homem, por manter uma processualidade constante em diferentes formas de organização e expressão. Por isso, o segundo tópico traz a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa, desenvolvidas por Gonzáles Rey, que são as categorias conceituais que expressam essa rota diferenciada de produção de sentido subjetivo para cada pessoa. Paralelamente, se procura mostrar um sujeito definido, segundo Touraine (1994), como ator autônomo, e que, ao mesmo tempo em que está preso ao mundo, está em busca de si.

Por fim, o estudo traz a reflexão sobre o sujeito e o papel do trabalho na construção deste, impelidos pelo mesmo sentimento que descreve Touraine: “Não suportamos mais as construções intelectuais que explicam todas as nossas condutas por meio de nossa relação com o poder ou de nosso lugar na divisão do trabalho”.

Este estudo focaliza os trabalhadores que relatam um sofrimento ou adoecimento, ligados ao trabalho, em que se procura verificar a configuração subjetiva desses indivíduos. Na visão de homem, escolhida como base teórica desta análise, entende-se que cada indivíduo apresenta uma configuração subjetiva do mundo, uma vez que o mundo é visto por ele a partir do que ele filtra, seleciona, organiza e cria. E, dessa forma, se torna necessário descobrir o sentido subjetivo de cada atividade para cada indivíduo, os significados atribuídos à sua vivência, bem como o papel que ela ocupa em sua vida.

O capítulo 2 apresenta a metodologia escolhida que possibilitou o contato com o momento empírico, bem como a construção do presente estudo. Assim trazemos dois estudos de casos que são apresentados no capítulo 3, em que se procura apresentar uma reflexão sobre a configuração subjetiva do trabalhador, uma vez que o sofrimento se configura a partir de uma multiplicidade de processos que constituem esse indivíduo e não apenas pela atividade que ele realiza.

Problema: Quais as configurações subjetivas que constituem o sofrimento do sujeito frente à sua realidade de trabalho?

Objetivos:

- 1- Tecer uma análise crítica aos estudos modelos teóricos-metodológicos que investigam sobre o sofrimento do trabalho sem considerar os processos diferenciados de ação e vivência de cada indivíduo;
- 2- Compreender o sofrimento relatado como um processo complexo constituído de configurações subjetivas;
- 3- Analisar os sentidos subjetivos do trabalhador, que se constituem de diferentes configurações da história de vida do sujeito e de seu ambiente social.

## CAPÍTULO 1

### Fundamentos Teóricos

#### Trabalho e Saúde Mental

O trabalho é uma atividade com que, em sua maioria, ocupamos uma grande parcela de tempo do nosso dia. Além de ser uma atividade que, para muitas pessoas, é o meio de permitir a satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência – alimentação, segurança, moradia – o trabalho faz com que muitos seres humanos continuem produzindo, fazendo com que essa oportunidade seja realização e construção de sua identidade psicossocial, transformando o trabalho em um meio de estruturação psíquica do homem (Mendes, Borges & Ferreira, 2002).

É consenso também entre esses autores (Mendes, Borges & Ferreira, 2002), que o ser humano se insere e faz parte da estrutura social principalmente por meio do trabalho que executa. O trabalho constitui um importante espaço de socialização e de definição de identidades de maior relevância na vida do ser humano.

Segundo a obra citada, as condições de realização do trabalho podem levar o indivíduo a uma situação penosa e dolorosa, ou seja, transformá-la em sofrimento. Esse sofrimento passa a ser o resultado da relação entre a subjetividade do trabalhador e as suas restrições quanto às condições sócio-culturais e ambientais, relações sociais e organização do trabalho.

A relação do indivíduo e do seu trabalho faz parte da construção de sua subjetividade e mostra que, por meio de seus aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores, pode-se adequar da melhor maneira possível em prol do seu bem-estar pessoal dentro do contexto organizacional. Nesse sentido, Abrahão, Torres e Gubert (1998) chamam a atenção para dois aspectos que são relevantes para a compreensão do trabalho e sua execução: a organização e a atividade.

O ambiente psicossocial no trabalho engloba a organização do trabalho e as relações sociais de trabalho. Fatores psicossociais no trabalho são aqueles que se referem à interação entre o meio ambiente de trabalho, conteúdo do trabalho, condições organizacionais e habilidades do trabalhador, necessidades, cultura, causas extra-trabalho pessoais que podem, por meio de percepções e experiência, influenciar a saúde, o desempenho no trabalho e a satisfação no trabalho (Organização Internacional do Trabalho, 1984 citado em Martinez e Paraguay, 2003).

A organização está relacionada ao conjunto de normas, regras e prescrições que definiram a forma pela qual o trabalho será realizado, tendo como objetivo a produção. Definindo assim, os ritmos de trabalho, os horários, os descansos, os revezamentos, os treinamentos, as estruturas hierárquicas e as comunicações.

As metas e objetivos institucionais foram e são até hoje um marco muito forte e nas instituições representam toda essa capacidade de motivar o trabalhador, tornando-o responsável pelo processo e o sucesso da organização.

O outro aspecto – a atividade – é o resultado da união das prescrições da organização às ações que o sujeito realiza para responder as exigências do trabalho, permeada as suas características pessoais, experiência e treinamento (Abrahão, 1993, citado em Abrahão, Torres e Gubert, 1998). Nesse sentido, a atividade propicia o conhecimento da realidade situacional do trabalho, ou seja, abrange todos os componentes da relação homem-trabalho, bem como a compreensão das dimensões que necessitam ser analisadas (Abrahão, Torres e Gubert, 1998).

### Breve Histórico

A temática da Saúde Mental e Trabalho, no Brasil, já tem um bom caminho percorrido, e muitos dos problemas que impulsionaram o desenvolvimento dessa área ainda

persistem. O que se verifica na trajetória de cerca de duas décadas sobre a Saúde Mental e Trabalho é que alguns grupos de problemas foram se confirmando, a partir da acolhida das demandas aos serviços públicos de Saúde do Trabalhador e às entidades sindicais.

Importante ressaltar que, dada a origem do Movimento de Saúde do Trabalhador no Brasil (Sato, Lacaz & Bernardo, 2004; Ribeiro et al., 2002), foi a realidade de trabalho urbano, sob regulamentação da CLT, aquela que, de início, foi tomada como foco de atenção. Dessa maneira, os problemas identificados são aqueles que trabalhadores e lideranças sindicais inseridos nesse contexto trazem aos serviços públicos de Saúde do Trabalhador e às entidades de assessoria sindical, como, por exemplo, o DIESAT (Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho).

No Brasil, por seu turno, as denominadas ciências do comportamento, na década de 1940, também se ocupavam da saúde mental das pessoas que trabalhavam. Bertolli-Filho (1992-1993) mostra como a medicina, ocupando-se da esfera psicológica, atuava em dois domínios: o primeiro que congregava a construção e a aplicação de técnicas visando à seleção e à adaptação profissional dos trabalhadores – a psicotécnica – e a segunda, que se dava pela análise de operários que apresentavam possíveis transtornos mentais, causadores ou resultantes de acidentes que comprometiam a existência do indivíduo e dos companheiros de labuta.

Nesse segundo domínio, os profissionais de saúde mental eram recrutados para atuarem como peritos para a Justiça do Trabalho, com vistas a subsidiar sua decisão nos casos de pedidos de indenização encaminhados pelos trabalhadores acidentados. Aqui, tanto a psicanálise como o paradigma organicista, foram adotados como apoios para a emissão desses laudos. Observa-se que, apesar de tomarem leituras teóricas bastante distintas, as conclusões convergiam para o mesmo diagnóstico: “(...) existência de traumatismos físicos provocados pelo acidente favorecedores do desenvolvimento de ‘neuroses de responsabilização’ dos

padrões pelo acidente de trabalho” (Bertolli-Filho, 1992-1993). Esses diagnósticos sustentavam, então, a conclusão de que os trabalhadores acidentados eram “simuladores” e, assim, buscavam extorquir as companhias seguradoras.

Segundo Sato e Bernardo (2005), “Tanto a denominada saúde mental ocupacional como as ciências do comportamento buscam a gênese dos problemas de saúde mental dos trabalhadores no universo intra-individual, sendo o trabalho, suas condições e sua organização mero pano de fundo”. Assim, ao abstrair as condições concretas de trabalho e, principalmente, as relações de trabalho, alguns estudos contribuíram para construir a explicação que culpabiliza a vítima.

De modo distinto, ao estar abrigada no campo da Saúde do Trabalhador, a Saúde Mental e Trabalho toma as relações de trabalho e sua historicidade como matriz de leitura, conforme a formulação da Saúde Coletiva descrita por Lacaz (1996; 1997) e Minayo-Gomez & Thedim-Costa (1997).

Conforme Seligmann-Silva (1986; 1994), a Saúde Mental no Trabalho, como campo de investigação e de práticas, tem acolhido diferentes correntes teórico-metodológicas, construindo diversos objetos de investigação. Tem-se desde as abordagens sustentadas na teoria do estresse até as que orientam suas leituras pela psicanálise em seus vários matizes. Como não deixaria de ocorrer aqui também, as ciências que focalizam o mundo psicológico a partir de distintos objetos (comportamento, sofrimento, subjetividade, imaginário/simbólico, doença mental) têm suas vinculações tanto com a Biologia como com as Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia, Lingüística), fazendo com que múltiplos “nomes” sejam utilizados para se referir à Saúde Mental e Trabalho.

Dessa forma, se no âmbito acadêmico, o debate pode priorizar a dimensão teórico-metodológica de cada uma das abordagens, no âmbito dos serviços públicos de saúde e das entidades sindicais, a discussão tem se desenvolvido em torno, prioritariamente, do alcance de



respostas que considerem a diversidade da realidade vivida pelos trabalhadores e a premência em compreender, lidar e modificar as condições que geram os problemas de saúde mental. A diversidade de situações apresentadas pela realidade cotidianamente por eles vivida não respeita as fronteiras teórico-metodológicas.

Assim, para além do debate em torno das teorias e dos métodos mais adequados para compreender, interpretar ou explicar os fenômenos de Saúde Mental e Trabalho, os estudos buscam outro tipo de resposta: em que medida esses olhares poderão subsidiar ações práticas, individuais e coletivas, que considerem o aparato institucional e legal que enquadram as relações de trabalho no Brasil? E, além disso, em que medida, as opções teóricas tomadas poderão nos levar a angariar elementos para intervir na realidade?

Essas questões levaram os estudos sobre sofrimento no trabalho a perder o foco do indivíduo, deixando-o em segundo plano em suas análises, ao se preocupar em não atribuir os danos à saúde mental apenas aos fatores individuais e intrapsíquicos. Neste caminho, são desenvolvidos expressivos estudos sobre a psicopatologia do trabalho, investigando o impacto da organização do trabalho sobre a saúde mental.

#### Modelos Teóricos De Sofrimento No Trabalho: Crítica E Contribuições

O termo psicopatologia do trabalho, segundo Dejours (1994), é usado para definir o estudo dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho, sujeito este que é portador de uma história singular, que se confronta com uma situação de trabalho com características previamente fixadas. Leplat Y Cuny (1913), o médico francês Le Guillant (1957), o psicanalista francês Christophe Dejours (1988, 1993, 1998), o psicólogo social Wanderley Codo (1995, 2006) – coordenador do Laboratório de Psicologia

do Trabalho da UnB – são pesquisadores que têm realizado estudos que buscam verificar porque pessoas que exercem uma determinada atividade adoecem mais.

Dejours iniciou suas pesquisas ao analisar a força das pressões da situação do trabalho que determinava o comportamento dos trabalhadores. Mais tarde, ampliou os conceitos de saúde no trabalho por definir que tal entendimento passa pela compreensão de três lógicas: a da organização do trabalho, que implica em contradições e constantes ajustes; a do outro, que remete a normas e valores de convivência; e a do trabalhador, que se refere ao mundo subjetivo de cada um (Dejours, 2003).

O trabalho pode ser compreendido como um território ambivalente, uma vez que tanto pode dar origem a processos de alienação e mesmo de descompensação psíquica, como pode ser fonte de saúde e instrumento de emancipação (Dejours, 1999). Para que ele seja fonte de saúde, no entanto, há a necessidade do reconhecimento daquele que trabalha, uma vez que neste reconhecimento reside a possibilidade de dar sentido ao sofrimento vivenciado pelos trabalhadores.

Esse reconhecimento diz respeito à conformidade da produção com as regras do ofício e confere ao sujeito sentimento de pertencimento ao coletivo, por ressaltar qualidades comuns a ele e aos outros. Essa dinâmica é crucial na construção da identidade do sujeito no trabalho, e se dá no campo individual e social (Dejours 1999a, 1999b).

O sujeito espera que o seu fazer seja reconhecido, ao solicitar o olhar e o julgamento do outro. Depois, esse reconhecimento passa para o registro individual. Se não houver esse reconhecimento, o sujeito é condenado à crise de identidade e à doença. A esta crise, Dejours (1999a), citando François Sigaut, dá o nome de alienação social e a considera o próprio objeto de sofrimento no trabalho.

A sensação do não reconhecimento (Dejours, 1999) gera desânimo diante de um trabalho que não pode ser sublimado e não permite a descarga de energia psíquica (Dejours, 1994) necessária ao equilíbrio e envolvimento para o prosseguimento do trabalho.

Na escola dejouriana, tendo como referência a teoria psicanalítica do funcionamento psíquico, o indivíduo é capaz de compreender, de reagir e de se defender das pressões do trabalho por meio das estratégias defensivas. Tais estratégias são entendidas como a luta contra o sofrimento engendrado pela organização do trabalho e funcionam como regras – um consenso ou um acordo compartilhado pelo coletivo de trabalho, como afirma Cru (1988), citado em Dejours (1994, p.133):

Os trabalhadores constroem verdadeiras regras de trabalho que não estão de acordo com a organização do trabalho oficial. Não se trata mais apenas de macetes, de truques e de habilidade pontuais ou isoladas, mas de uma articulação coerente entre elas, cuja soma conduz à elaboração de verdadeiros princípios reguladores para a ação e para a gestão das dificuldades observadas no curso do trabalho.

Infere-se que, por ser uma operação mental, as estratégias levam à modificação da percepção que os trabalhadores têm da realidade sem modificá-la de fato.

Dejours, à medida que desenvolve suas pesquisas, se afasta da psicopatologia do trabalho e constrói uma teoria sobre a psicodinâmica do trabalho. Ao perceber o conflito social-privado, Dejours admite que “no conflito social-privado o privado resiste vigorosamente e que, em geral, as pressões do trabalho são incapazes, por si mesmas, de fazer emergir uma psicopatologia de massa”. Não deixa, no entanto, de defender que com as pesquisas e as experiências metodológicas pode-se observar que são as pressões decorrentes da organização do trabalho o que era potencialmente desestabilizador para a saúde mental do trabalho. Torna-se necessário, a partir de então, conhecer o ser humano e escutar seu

sofrimento em sua singularidade e complexidade. González Rey (2002, 2003, 2004 e 2005) propõe que caminhemos para uma percepção biopsicossocial do ser humano, visando, além dos aspectos orgânicos, psíquicos, sociais, sua forma inteira de estar no mundo. González Rey (2004) alerta que não existe nenhuma organização ou elemento que *a priori* determine a expressão do sujeito em uma situação concreta. O curso que toma uma situação vivida pelo sujeito representa uma configuração complexa de processos e elementos em que o resultado se definirá dentro do mesmo processo.

Dejours reconhece que prazer e sofrimento são vivências subjetivas e que, embora vários sujeitos experimentem cada um por si um sofrimento único, são capazes de unir seus esforços para construir uma estratégia defensiva comum.

O sofrimento, o prazer, o sujeito, a identidade, são conceitos cujo uso rigoroso não tem validade fora da ordem singular. Esses termos remetem ao sujeito singular, portador de uma história e, portanto, são vividos por qualquer um, de forma que não pode ser a mesma de um sujeito para outro (Dejours, 1994, p.128).

Reconhece-se a existência do sujeito, mas novamente ele é deixado de lado, quando Dejours defende que as entrevistas individuais são obstáculos metodológicos para a pesquisa em sofrimento no trabalho, pois fazem ressaltar aquilo que está ligado ao passado do sujeito e à sua história de vida familiar (Dejours, 1994). É aqui que se situa nossa crítica a Dejours, uma vez que não existe internalização passiva do social.

A teoria da psicodinâmica do trabalho, que investiga a saúde psíquica no trabalho, privilegia o estudo da relação entre o sofrimento psíquico e as estratégias de mediação utilizadas pelos trabalhadores para superá-lo e transformá-lo em fonte de prazer. Esse contexto contempla as condições de trabalho, a organização do trabalho e as relações sócio-profissionais.

Wanderley Codo coordena um grupo e desenvolve um trabalho com as mesmas características e inquietações que Dejours desenvolveu. Codo (1999) defende uma metodologia de estudo em saúde mental e trabalho com abordagem interdisciplinar na qual “epidemiologia, psicologia organizacional e do trabalho, sociologia, macroeconomia, psicologia clínica e/ou psiquiatria concorrem para abarcar o fenômeno”, com “uma compreensão holística e dialética da empresa e do trabalhador”, em que o problema aparece como “multideterminado” e a organização do trabalho é entendida como um processo, ou seja, é dinâmica e em evolução.

A partir dessa perspectiva, Codo pode concluir, em sua tese de doutorado, que a análise é multideterminada. Um bom exemplo de análise trazida por ele é: “pesquisas que informavam ser incorreto dizer que a depressão da Bolsa de Nova York tinha provocado suicídios. A depressão da Bolsa de Nova York (1929) tinha provocado alguma coisa que provocou suicídios”.

De acordo com o referido autor, “Qualquer hipótese é possível e qualquer conclusão passível de ser formulada quando, de um lado não deixamos claro o problema a enfrentar, e de outro, interpretamos a postura de alguém sobre um objeto que fizemos questão de desconhecer”. (Codo, Soratto & Vasques-Menezes, 1999, p.131). Esses autores criticam as análises de Dejours e a psicologia. Criticam Dejours por não observar ou observar pouco o trabalho, uma vez que não tinha o objeto de conseguir uma descrição objetiva do trabalho, mas de adquirir a base concreta necessária para compreender de que falam os trabalhadores, e dessa forma privilegia o discurso. Por sua vez, criticam a psicologia por não levar em conta a categoria trabalho, e sem levá-la em conta, não é possível fazer psicologia (Codo, 1996).

O método que Codo defende buscar, procura respeitar a “tensão entre o sujeito e o objeto”, sendo necessário fazer um diagnóstico do trabalho que possa tornar operacional a análise e a intervenção sobre o sofrimento causado pelo trabalho, uma atenção especial e

analítica do discurso, uma forte base empírica e observação da vida real. As atividades laborais são portadoras de um modo de ser, de se comportar e essa estrutura que foi montada pode implicar em sofrimento. O diagnóstico “parte do circuito sujeito-objeto-significado”, ou seja, é necessário o “reconhecimento do circuito de significados, do ponto de vista do trabalhador, de uma relação entre esforço e consequência”. Defende que quando se fala em psicologia do trabalho “está-se falando do trabalho como categoria determinante de análise, como categoria explicativa do que estiver acontecendo no sujeito” (Codo, 2006, p.134).

No entanto, embora essas pesquisas sejam relevantes por suscitar questionamentos a respeito de diferentes aspectos que interferem no processo de sofrimento relacionado às atividades laborais, elas não possibilitam revelar a complexidade da interação humana individual com o trabalho, pois não nos permite conhecer esse sujeito que é parte constituinte dessa realidade. Também não permite conhecer os sentidos subjetivos que são produzidos no trabalho, mas inseparáveis das histórias vividas, que se alimentam de uma produção subjetiva muito individual, em que o social está como marca subjetiva da diversidade de histórias de vida. É fundamental achar os caminhos particulares que constituem os objetos para cada indivíduo – não há duas pessoas que possam seguir o mesmo caminho. Como afirma Peter Lang,

O mundo é mediado por nossos sentidos com suas habilidades e suas limitações. Estamos, portanto, à mercê de nossos sentidos e é impossível conhecermos todas as limitações de nossos sentidos, como se isto não bastasse, há outras complicações. A forma como conhecemos o mundo ou a forma como o encontramos é determinada não apenas pelas possibilidades e limitações de nossos órgãos sensoriais, mas também por nossa cultura e experiências e pelas histórias em que vivemos e sobre as quais conversamos. Então, não podemos dizer simplesmente que conhecemos o mundo, todo nosso conhecimento é biológico e socialmente mediado (1999, p.359-366).

Isso significa que a maneira como um indivíduo vivencia e percebe um ambiente depende de uma complexidade de fatores que vai desde as suas expectativas em relação a uma dada situação, até sua história pregressa. Essa maneira também define os sentimentos deste em relação ao seu trabalho: sob as mesmas condições de distorção entre prescrito e real, e sobre mesmas condições de organização do trabalho, encontra-se prazer para alguns e sofrimento para outros. Faz-se necessário compreender a subjetividade desse indivíduo, e não apenas seu trabalho, para se compreender os impactos diferenciais do trabalho sobre as pessoas, objetivo geral deste estudo.

A subjetividade contribui para verificar que o sofrimento se situa no âmbito social, mas também no individual, uma vez que a subjetividade do indivíduo se elabora e se aciona no conjunto das condições de sua existência material, de suas relações sociais de grupo e de classe, de suas práticas cotidianas e das produções culturais que conformam a subjetividade social. Portanto, a proposta apresentada neste estudo é a de verificar as inter-relações múltiplas entre as partes e destas com o todo para entender como se configura o sofrimento do indivíduo no seu trabalho.

### O sujeito

O sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para efeitos desta análise, assume-se a definição de Charlot (2000, p. 33 e 51, citado em Juarez Dayrell, 2003), para quem o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao

mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere. Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção.

Ora, encontrar os sujeitos, esses seres autênticos, com suas necessidades e valores, capazes de produzir coisas e transformar sua própria história, está no centro de todas as propostas acima apontadas, ou seja, de verificar as formas diferenciadas de cada um se posicionar diante de uma atividade.

O sociólogo francês Alain Touraine desenvolveu extensos estudos sobre a democracia, a modernidade e os sujeitos sociais no contexto da América Latina. A sua extensa obra demonstrou inquietações não meramente teóricas ou de caráter analítico, mas também uma evidente preocupação com as diferentes dinâmicas históricas e culturais das complexas sociedades latino-americanas nos seus diversos contextos históricos e geográficos.

Touraine assinala-nos uma modernidade latino-americana que, a partir dos seus particulares e diversos ritmos sócio-culturais, parece caracterizar-se por uma autêntica demanda de subjetivação, de afirmação e reconhecimento de aspectos culturais e de identidade pessoal e social. Em definitivo, o autor contribui para constatar uma grande característica dessa modernidade: sua contínua tensão entre um universo instrumental - sob os contornos racionalizadores da sociedade – e um universo simbólico – caracterizado pelas experiências de produção e afirmação dos sujeitos sociais.

Os movimentos sociais estariam, dessa forma, dirigidos a aliviar essa tensão, assim como dirigidos para si mesmos e para o que se poderia denominar esforço de subjetivação: definido como um sujeito com vontade de ser reconhecido como ator. Como forma de sintetizar o que Touraine parece propor, pode-se afirmar que ele situa-nos frente a uma



modernidade que não possui uma imagem única, senão duas: a racionalização e a subjetivação, dedicando-se a analisar a potencialidade política e social subjacente na idéia de sujeito e ator social.

Para compreender a dimensão dos estudos de Touraine (1994, 1998) no contexto latino-americano, tem-se que se fazer referência àqueles debates que se situam em torno da questão do sujeito e da democracia. Assim, a dimensão que se relaciona com a particular modernidade latino-americana funciona como telão de fundo para esses debates centralizadores nas análises do dito autor. Isso significa que um diálogo parece estabelecer-se entre democracia e sujeito social, já que a ampliação de um é também a ampliação do outro.

A idéia de democracia, para Touraine, não se materializa unicamente no conjunto de garantias institucionais e formais, mas sim representa a luta dos sujeitos, na sua cultura e sua liberdade, contra a lógica dominadora dos sistemas sociais. Nessa concepção, resulta importante que os sujeitos protejam sua memória e que possam combinar o pensamento racional, a liberdade pessoal e a identidade cultural. Dessa maneira, a democracia deve tratar de seguir dois caminhos: por um lado, criar espaços para a participação cada vez mais perceptíveis e, por outro lado, garantir o respeito às diferenças individuais e ao pluralismo.

Será, pois, a respeito da sociedade contemporânea que o sujeito assume prioridade na análise sociológica de Touraine ao ampliar o leque de suas reflexões, incorporando debates contemporâneos da Filosofia Política e da Psicanálise, que construiu uma teoria mais abrangente sobre a liberdade do sujeito e o sujeito da ação, pessoal e coletiva. Mas, como bem diz Touraine, o sujeito não é o indivíduo, pois "ser sujeito" significa ter a vontade de ser ator, isto é, atuar e modificar seu meio social mais do que ser determinado por ele.

Portanto, a liberdade do sujeito será construída em sua relação com o outro, na alteridade, mas não na subjugação, não na integração sistêmica acrítica, mas na busca do reconhecimento, na sua universalidade e na sua particularidade. Por isso, os temas do

multiculturalismo, do dilema entre igualdade e diferença e da educação intercultural também assumem relevância em seus debates, tendo como lastro social a condição democrática, sob a premissa de que o sujeito possa tornar-se ator em seu destino pessoal e coletivo.

Para González Rey (2003), Touraine resgata o mundo interno do sujeito, permitindo a construção do sujeito pessoal e concreto, integrado com o mundo em que vive e comprometido com sua ação pessoal.

O resgate da idéia do sujeito não passa pela idéia de controle deste sujeito sobre o mundo, mas pela idéia de sua capacidade de opção, de ruptura e de ação criativa, ou seja, pela idéia de que sua capacidade de opção atual e seus efeitos são constituintes de sua própria subjetividade, e não causas que aparecem como elementos externos da ação (González Rey, 2003, p.224).

É nessa direção que Touraine destaca a centralidade do feminismo e das minorias étnicas enquanto sujeitos de transformação da historicidade contemporânea. No campo dos movimentos identitários, o feminismo, os movimentos étnicos e os movimentos jovens assumem relevância na esfera pública, na contemporaneidade latino-americana. Para o movimento feminista, pode-se destacar sua capacidade de associar vida profissional (racionalidade) e vida afetiva (subjetivação), com o desejo e a luta para ampliar a sua participação na esfera pública, ampliando a democracia.

O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere.

Podemos concluir que o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere. Entretanto, temos de levar em consideração que existem várias maneiras de se

construir como sujeito e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é "proibido de ser", privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana. Por isso não se pode falar do comportamento de uma pessoa separado do contexto no qual está inserido.

Quando cada pessoa nasceu, a sociedade já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. Assim, o gênero, a raça, o fato de terem como pais trabalhadores desqualificados, grande parte deles com pouca escolaridade, dentre outros vários aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada um. Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria.

#### O sujeito e o trabalho: um olhar subjetivado

Considera-se a construção do sujeito um processo contínuo, um processo que acompanha a pessoa durante toda a sua existência. Os seres humanos não nascem sujeitos, mas são produtos e produtores dos diversos ambientes sociais em que estão inseridos. Portanto, não se pode observar o indivíduo isoladamente, desvinculado de suas relações com o meio, das pessoas e das atividades que realiza.

O indivíduo é naturalmente possuidor de habilidades e capacidade de expressar seus conhecimentos, sejam eles por meio de comportamentos ativos ou passivos no contexto social ao qual está inserido. A aquisição de conhecimento permite ao sujeito inferir as suas

experiências como comportamentos expressivos da sua emoção, após ter sido subjetivado. Fernando Rey (2003) traz a idéia de sujeito-corpo que define como sendo uma troca de relação do sujeito que comporta o mundo psíquico e o mundo social.

Em seu livro, “Personalidade, saúde e modo de vida”, González Rey (2004) coloca a importância que o modo de vida de um indivíduo tem para a sua saúde. Também afirma que a sociedade determina as condições nas quais o homem vive, principalmente a maneira como ele realiza seu trabalho.

O interessante dessa obra é que González Rey dá igual importância aos fatores de personalidade, que definem um conjunto de potencialidades do indivíduo em sua condição de sujeito do seu modo de vida, dando ao indivíduo um papel ativo nessa realidade. É preciso levar em conta que o sujeito tem capacidade para atuar seguindo suas próprias convicções e princípios, que, apesar de fazer parte de forças sociais, são geradores de subjetivação.

Há um consenso entre pensadores no que se trata da influência da satisfação no trabalho na satisfação com a vida do trabalhador, por meio da generalização das emoções do trabalho para a vida fora do trabalho, podendo afetar até as relações sócio-familiares (Coda, 1986, Locke, 1976; Zalewska, 1999 citados em Martinez e Paraguay, 2003).

Todas essas observações evidenciam a complexidades das relações que podem correr em via de mão dupla e sofrer influência de outros fatores, relacionados ou não ao trabalho. A emoção está associada a estados subjetivos, cujo sentido se manifesta como forma de expressão, registros estes que se associam às ações. Estas ações caracterizam o sujeito no espaço de suas relações sociais (González Rey, 2003).

Vivenciar as angústias e insatisfações trazidas pelos colaboradores na empresa em que esta pesquisadora trabalhou, levou a questionar se não seria o afastamento da expectativa do indivíduo em relação a sua vida profissional a causa dessas queixas. Nos livros encontravam-se apenas pesquisas que relacionavam o adoecimento à organização do trabalho e, mesmo

quando admitia que a insatisfação estivesse relacionada aos sentimentos do trabalhador em relação a sua atividade, não falavam desse trabalhador, do seu sofrimento, sobre quem ele era e suas expectativas.

Aprofundar na subjetividade do trabalhador, buscando em outras áreas da vida inter-relações sobre a insatisfação ou sofrimento no trabalho, não significa ignorar as conseqüências relacionadas à quantidade de serviço ou às pressões que o mundo capitalista exerce sobre os trabalhadores, obrigando-os a aceitarem más condições de trabalho. Significa apenas que, embora existam características que por si só sejam causadoras de sofrimento, também depende das demandas ou limitações do indivíduo, a maneira como ele vivencia sua atividade. Exemplo disso são os estudos com bancários, que mostraram que uns sentem-se explorados pelo ritmo acelerado do trabalho enquanto outros demonstram orgulho em serem mais rápidos que os demais (Coelho, 1997).

A qualidade da saúde mental de cada pessoa, e mesmo da saúde física, é em grande parte determinada pela maneira como o indivíduo, enquanto procura se manter em equilíbrio, consegue suportar as frustrações com as quais vai se deparar na passagem do singular para o plural, por ocasião do confronto com a realidade do mundo do trabalho – realidade externa a sua subjetividade. Tudo depende de como cada pessoa "negocia" seu desejo com esta realidade, cujas regras já estão definidas antes mesmo que nela desembarque com sua história particular. De fato, o sofrimento é sempre uma experiência individual; não existe sofrimento coletivo.

Quando um conjunto de emoções, em quaisquer de seus sistemas de interação vital, não correspondem aos conceitos e às ações do sujeito em uma área de vida, podem aparecer estados de distresse com suas correspondentes conseqüências somáticas. Essa impossibilidade de assumir suas próprias necessidades e de ser condizente com elas é um dos fatores psicológicos mais nocivos, tanto para a

saúde somática como para a mental, que em verdade, são momentos de um mesmo sistema (González Rey, 2004, p.31).

A saúde é um processo qualitativo complexo que caracteriza o funcionamento do organismo, integrando o somático e o psíquico de maneira sistêmica, transformando uma unidade inseparável (González Rey, 2004). Segundo esse conceito, a saúde não deve ser considerada um resultado, pois se apresenta como um sistema complexo. Experimentar o bem-estar é sentir-se satisfeito com o exercício de sua profissão e com interesses definidos em relação às pessoas e às atividades concretas.

Na mesma obra, o autor afirma que a organização de uma sociedade, ou seja, um ideal social, imprime o ritmo e as condições de vida em que o indivíduo produz seu trabalho, tendo um papel ativo no sistema de vida. Esse é um importante conceito sociológico no qual se demonstram as motivações fundamentais do indivíduo em um sistema de atividades concretas.

Para isso, é necessário introduzir a Teoria da Subjetividade, teoria escolhida para fundamentar este estudo, por oferecer uma visão complexa do homem, voltada para a superação das dicotomias social-individual, consciente-inconsciente, cognitivo-afetivo.

### Complexidade e Subjetividade

Percebendo a realidade estudada como uma organização complexa, faz-se necessário apresentar alguns conceitos de complexidade antes de prosseguirmos nas discussões sobre o homem e o trabalho. Segundo González Rey (2005a), o sistema complexo tem, como uma das suas características, ser uma forma de organização plurideterminada e sistêmica, que se compromete permanentemente com o momento atual de ação do sistema. Portanto, a

compreensão da sociedade, em sua real complexidade, só é possível por meio de elementos diferenciados de informações dos sujeitos que permitirão articular a significação do social na vida humana.

A ciência não consegue abarcar toda a diversidade de conhecimentos apresentados sobre o comportamento do ser humano. A psicologia tradicional, sob a influência da cultura positivista – enfatizada na padronização, medição e universalidade dos problemas pesquisados – não possibilitam a percepção de que cada pessoa é única e se comporta de maneira diferente diante de mesmos contextos. Para compreender o sujeito em sua singularidade, tornou-se necessário buscar novas formas de perceber o objeto estudado, possibilitando a retomada da questão da subjetividade na ciência.

O homem é um sujeito intencional, que se posiciona de maneira diferenciada diante de uma situação concreta, dando sentido ao curso da atividade em que está inserido. A expressão do sujeito numa situação complexa, segundo González Rey (2004), não é determinada, *a priori*, por uma organização ou elemento, pois representa uma configuração complexa de processos e elementos e que o resultado se definirá dentro do mesmo processo. Nessa linha, o indivíduo não pode ser visto isoladamente, pois como ser social, não se pode desvincular sua relação com o meio, com as pessoas e o trabalho.

Neste cenário apresentado, destaca-se as construções teóricas de González Rey – Teoria de Subjetividade e Epistemologia Qualitativa (2002, 2003, 2004, 2005) – como novas formas de produção do conhecimento, considerando a complexidade de compreensão da sociedade.

O autor define subjetividade como um sistema complexo capaz de expressar por meio dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que contribuem para a sua formação. A subjetividade permite que consigamos compreender como o indivíduo

constrói o sentido e significado da sua realidade. A realidade não é universal e comum a todos, mas faz parte da percepção que cada ser humano tem dentro de sua história de vida.

Tal perspectiva permitirá que o sofrimento seja percebido não somente como um fenômeno relacionado com a organização do trabalho, mas também com um problema relacional do indivíduo–trabalho–ambiente para que possamos alcançar resultados mais satisfatórios nos estudos dessa natureza. Afinal, se os problemas de saúde mental no trabalho fossem causados apenas pela forma como se organiza o trabalho, toda e qualquer pessoa demonstraria sofrimento quando exposto a tal situação.

A Teoria da Subjetividade nos permite investigar o homem em sua singularidade e ao mesmo tempo inserido em seu contexto sócio-econômico-cultural, reconhecendo-o como sujeito intencional, capaz de enfrentar barreiras e oposições de formas diferenciadas.

#### A Teoria da Subjetividade

A Teoria da Subjetividade, segundo o próprio autor, foi desenvolvida a partir da procura de um termo mais abrangente, que permitisse articular os interesses tanto no sujeito individual como nos complexos processos sociais, políticos e institucionais que caracterizam a vida do sujeito (Gonzalez Rey, 2005b). Assim, a teoria apresenta um enfoque histórico-cultural de compreensão do homem e o paradigma da complexidade.

Um aspecto importante e que foi considerado para a escolha da teoria como base de análise sobre o sofrimento no trabalho é a perspectiva assumida acerca da subjetividade, que considera o sujeito como uma categoria inseparável da pesquisa e da construção teórica.

Na Teoria da Subjetividade de González Rey, segundo Martinez (2005), apresentam-se quatro categorias principais que se articulam – a subjetividade, o sujeito, a configuração subjetiva e o sentido subjetivo – permitindo a visualização da complexidade e a valorização



das contradições e dos conflitos como parte fundamental da construção de sujeitos individuais. Segundo Neubern (2005, p.73), “o papel das categorias é o de conferir inteligibilidade às construções sem se impor aos processos estudados, na tentativa de compreender suas múltiplas articulações e as qualidades que daí emergem”. Tais categorias são apresentada a seguir.

### Sentido subjetivo.

O sentido subjetivo tem caráter central na definição da subjetividade como um sistema em desenvolvimento, pois caracteriza o processo da atividade humana em seus diversos campos de ação. Integra relações simbólica e emocional, em uma complexa relação de comportamentos diferentes e que podem gerar conflitos entre o sentido produzido e o significado que o sujeito tem em relação à sua necessidade. A necessidade, para o autor González Rey (2003), é parte de um processo do sujeito dentro de suas práticas sociais, responsáveis por formar sentidos diferentes conforme a sua experiência.

Os sentidos são capazes de implicar aspectos psicológicos diferentes em um sujeito e está relacionado àquilo que mobiliza afetiva, simbólica e historicamente um sujeito.

O desenvolvimento da categoria do sentido subjetivo facilita explicar que o desenvolvimento da emocionalidade é resultado da convergência e da confrontação de elementos de sentido, constituídos na subjetividade individual como expressão da história do sujeito e de outros aspectos que aparecem por meio de suas ações concretas no processo de suas distintas atividades (González Rey, 2005a, p.21)

Assim, um sentido subjetivo só pode ser compreendido dentro do espaço social e simbólico em que é produzido, em que é síntese da multiplicidade de aspectos que caracteriza

a vida social e a história de cada sujeito. Por isso, nem tudo tem o mesmo sentido subjetivo para todos, apesar de ter um mesmo significado compartilhado socialmente.

#### Configuração subjetiva.

As configurações subjetivas são formações psicológicas complexas caracterizadoras das formas relativamente estáveis de organização individual dos sentidos subjetivos, que integram o atual e o histórico em cada momento de ação do sujeito nos diversos espaços sociais de sua vida (González Rey, 2005a). Cada sistema institucional que o indivíduo tem acesso traz, em seu espaço, sua caracterização própria adquirida por sentidos que provêm de contatos com outros espaços sociais, definindo essa dinâmica como configurações subjetivas.

Segundo Arrais (2005), as configurações subjetivas de cada sujeito são as formas mais complexas de organização da subjetividade individual, pois filtram, selecionam, negam e dão uma tonalidade própria para a realidade que é reconstruída subjetivamente.

É possível, então, compreendermos a importância de valorizar o sujeito nos estudos que se situam na relação do indivíduo com o espaço social, uma vez que não se pode definir, *a priori*, o sentido dominante de uma realidade para o sujeito.

#### Subjetividade.

A subjetividade se apresenta como uma organização comprometida com a expressão diferenciada dos sujeitos. É definida pelo autor como “um sistema não fundado sobre invariantes universais, que teria como unidade central as configurações de sentido que integram o atual e o histórico em cada momento de ação do sujeito nas diversas áreas da vida” (González Rey, 2005b, p.35).

Martinez (2005) destaca que a categoria da subjetividade “é a tentativa de compreender o psicológico humano não pela sua separação e, conseqüentemente, pela sua redução a formas de expressão e a processos simples, mas como processos de sentidos e de significação que apontam para a complexidade pelo caráter multidimensional, recursivo e contraditório com que são concebidos”.

A subjetividade é compreendida, ainda, como um processo simultaneamente individual e social. Ela cria a necessidade de estudar, de forma inseparável, a sociedade e os indivíduos que a compõem, de onde aparecem os sentidos subjetivos que nos levam a aspectos do funcionamento social que se manteriam ocultos às variáveis padronizadas, freqüentemente usadas no estudo do social.

Isso significa dizer que o indivíduo constitui os espaços sociais, tal como é constituído por ele, ocasião em que a dinâmica social e a ação do indivíduo nesse espaço deixam de serem vistos de forma separadas e universais. Segundo González Rey (2003 p.202):

“A constituição social do indivíduo é um processo diferenciado, em que as conseqüências para as instâncias sociais implicadas e para os indivíduos que as formam dependem dos diferentes modos que adquirem as relações entre o indivíduo e o social, dentro das quais ambos os momentos têm um caráter ativo, isto é, cada momento se configura de formas muito diversas ante a ação do outro, processo que acompanha tanto o desenvolvimento social como o desenvolvimento individual”.

As subjetividades individual e social são construídas na inter-relação do homem com seus contextos sociais e natural, no marco de sua atividade cotidiana, sendo, portanto, produtos histórico-cultural.

A subjetividade social está ligada aos diferentes processos de institucionalização e ação dos sujeitos nos diferentes espaços de vida social. Assim, no ambiente da empresa onde um indivíduo trabalha se articulam elementos de sentido da natureza interativa da empresa, como também um conjunto de sentidos procedentes de outros espaços, que podem ser elementos de gênero, de classe social, de costumes. Todos esses elementos compõem a subjetividade social neste momento e configuram a ação do indivíduo no momento concreto.

A subjetividade individual é representada pelo sujeito concreto, em que aparece a história única de cada pessoa, constituída pelos processos e formas de organização subjetiva do indivíduo.

### Sujeito

O sujeito é representado como o momento vivo da organização histórica da sua subjetividade. É o indivíduo consciente, intencional, atual e que interage com o social. No entanto, o sujeito não é visto de forma externa aos espaços sociais, pois esses são momentos constituintes do sujeito. Em outras palavras, o sujeito está em constante processualidade, com capacidade de afetar os espaços sociais em que atua:

O sujeito representa um momento de subjetivação dentro dos espaços sociais em que atua e, simultaneamente, é constituído dentro desses espaços na própria processualidade que caracteriza sua ação dentro deles, a qual está sempre comprometida direta ou indiretamente com inúmeros processos de relação (González Rey, 2003, p.235).

A linguagem, para González Rey, é a expressão simbólica do sujeito, por meio da qual ele se relaciona e interage na vida social. Nessa forma de expressão aparecem os sentidos subjetivos que constituem o sujeito, que também implicam a emoção do sujeito.

Por isso, a categoria do sujeito é central para a subjetividade, pois é na ação do sujeito que ela aparece. Segundo Gonzalez Rey (2003), “a categoria do sujeito nos permite compreender os sentidos e significados de suas diferentes atividades e formas de relação e como resultado das complexas sínteses da experiência individual que acompanham as diversas formas de expressão subjetiva do homem”.

É nessa categoria da Teoria da Subjetividade que aparecem as emoções, entendidas como um aspecto central na definição do sujeito uma vez que a linguagem e o pensamento se expressam a partir do estado emocional de quem fala e pensa. Para o autor, “O sujeito é portador de uma emoção comprometida de forma simultânea com sentidos subjetivos de procedências diferentes, que se fazem presentes no espaço social dentro do qual se situa em seu momento atual de relação e de ação”.

A condição de sujeito significa um momento gerador de sentidos que são construídos tanto pelo momento atual como pela história do sujeito, que implicam constantemente na mobilização de emoções e de pensamentos.

É por isso que cada indivíduo deve ser compreendido em sua singularidade, uma vez que o que mobiliza a emoção de um indivíduo, os pensamentos que se processam e a forma como ele irá agir, é determinado por uma multiplicidade de fatores que vão desde suas experiências passadas até o momento atual.

Com base nisso, este estudo procura abandonar o foco na atividade em si e passa a buscar o reconhecimento da singularidade de cada indivíduo; as distintas maneiras como as pessoas constroem e dão sentido a seu mundo, conseqüentemente de sua história própria; com suas emoções próprias frente à realidade experimentada.

### A perspectiva de gênero como categoria de análise

Frente a tudo o que foi exposto, faz-se necessário apresentar algumas reflexões sobre o gênero como categoria de análise e indicativa de sentidos subjetivos diferenciados. O termo gênero é aqui empregado para designar comportamentos, papéis e padrões de expectativas para homens e mulheres, elementos que são construídos dentro de um contexto cultural.

A participação cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, compondo a população economicamente ativa e o emprego assalariado, é uma constante desde os anos 1970 em todos os países ocidentais (SCHIRMER, 1997). Nota-se o crescimento da população feminina no mercado de trabalho no Brasil, desde aquela época, cada vez mais intenso e diversificado, não mostrando nenhuma tendência de retrocesso, apesar das crises econômicas que assolaram o país a partir dos anos 1980 – fato comprovado em 1990, quando mais de 22,9 milhões de trabalhadoras constituíam cerca de 40% do conjunto da força de trabalho brasileira.

A mulher, em nossa sociedade, apesar dos avanços tecnológicos já alcançados, ainda tem arraigadas em seu inconsciente as obrigações domésticas, conseguindo partilhar muito pouco de suas atividades com o companheiro. Assim, assume as diversas atividades que se apresentam no seu dia a dia, o que contribui para a sobrecarga de trabalho, a qual, em muitas situações, ocasiona o estresse e/ou distúrbios no organismo.

A inserção feminina no mercado de trabalho provocou alterações significativas em seu cotidiano. Esse processo social adquiriu dimensão estrutural no mundo contemporâneo, sendo, junto ao aparecimento de métodos anticoncepcionais mais seguros, um dos fatores que mais radicalmente contribuíram para a redefinição do lugar social da mulher. Essas mudanças tiveram conseqüências decisivas nas relações familiares que, gradativamente, foram

modificadas em sua organização, na divisão de tarefas domésticas, na educação dos filhos (SARTI, 1997).

Na opção pelo mundo do trabalho deu-se a busca por carreiras que se aproximassem das características femininas. Assim, "a saída de casa deu-se através de profissões tais como enfermagem e magistério, onde a mulher aparece com funções de cuidado e ensino remetidas ao universo familiar" (MOREIRA, 1999).

A maternidade, geralmente, é considerada como ocasião especial na vida da mulher. Entretanto, se a mulher é, também, uma profissional, que assume atividades remuneradas fora do espaço doméstico, esse momento assume outras conotações e os diversos papéis por ela assumidos entram em conflito, obrigando-a a conciliá-los. A partir daí, surgem dúvidas e questionamentos.

A influência do papel da mulher na reprodução social é tão grande, que a própria escolha e a manutenção do emprego, da extensão das jornadas e dos turnos de trabalho profissional incluem entre os critérios a possibilidade de conciliação com o cuidado da casa e dos filhos. Estudos realizados em várias partes do mundo, inclusive em nossa realidade (Machado-Neto, 1987; Volkova & Bar apud Machado-Neto, 1987), revelam que a proximidade entre a casa e o local de trabalho é um dos critérios fundamentais de escolha do emprego, mesmo em detrimento de outros como o salário e a satisfação profissional. Muitas mulheres optam, quando é possível, por jornadas parciais, mesmo com prejuízos salariais e de progressão funcional, para poderem se dedicar mais aos filhos pequenos.

Por isso mesmo, Lavinhas & Castro (1990) chamam a atenção para a importância assumida pelo ciclo de vida na compreensão do trabalho exercido pelas mulheres. No estudo dessa temática seria, portanto, indispensável a utilização de variáveis como a idade, a situação conjugal e a posição na família, o número e a idade dos filhos.

As profissionais sentem-se, na maioria das vezes, muito divididas entre o mundo público e o privado. A responsabilidade com a guarda, o cuidado e a educação das crianças, na maioria das famílias, é exclusivamente delas. Caso a remuneração não compense os gastos com a sua saída de casa, ela acaba por abandonar o trabalho remunerado. Por outro lado, também, se a atividade remunerada não puder ser conciliada com a rotina familiar acabará gerando desencontros, desentendimentos e, por vezes, até o abandono do trabalho.

A associação do trabalho remunerado a atividades rotineiras da casa são revestidos de cansaço e estresse. Na verdade, a trabalhadora acumula funções e sente o peso dessa responsabilidade. O dia-a-dia com a família, as atividades profissionais, seus interesses pessoais, enfim, um somatório de atribuições realizadas, na maioria das situações de maneira isolada, sem compartilhar, contribui, muitas vezes, para o seu desgaste. É fato que a configuração dos tempos atuais é distinta da época em que não exerciam atividades fora do lar; hoje a mulher necessita ter um rendimento para reforçar a renda familiar.

Assim, a participação na força de trabalho gera nova desigualdade que é a dupla jornada, no público e no lar. Nesse sentido, vale acrescentar que a mulher ao assumir a vida pública não se desvinculou das atividades que exercia na vida privada e, assim, seu cotidiano foi modificado, entendendo o cotidiano como um conjunto de situações vivenciadas pelas pessoas, percebidas de maneira individual e renovando-se a cada instante.

Dessa forma, é possível pensar que as diferentes formas de subjetivação e singularização vivenciados por homens e mulheres no ambiente profissional devem ser valorizados em estudos deste tema.



## CAPÍTULO 2

### Metodologia

#### A Epistemologia Qualitativa

A Epistemologia Qualitativa, assim denominada por González Rey (1997), introduzida com o objetivo de acompanhar as necessidades da pesquisa qualitativa no campo da psicologia, trata-se de uma forma de construir conhecimento por procedimentos de pesquisa que levem em conta a complexidade humana.

A escolha do método qualitativo se baseia na necessidade de aproximação com o real, permitindo a construção do conhecimento “no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo”. Tal metodologia enfatiza seu caráter teórico, orientado para “a construção de modelos compreensivos sobre o que se estuda”. Esse reconhecimento do caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, segundo González Rey (2005a), entende que o conhecimento é uma construção e não algo que está pronto, possibilitando o surgimento de novas zonas de inteligibilidade acerca do que é estudado.

A comunicação, a singularidade e a interação com a realidade são valorizadas na Epistemologia Qualitativa. A singularidade é legitimada como instância de produção de conhecimento científico, constituindo-se como realidade diferenciada a partir da subjetividade de cada sujeito, que permitem a produção de idéias em relação à questão pesquisada. A geração de idéias não se desvincula da realidade investigada, e as idéias vão emergindo a partir da interação entre investigador e investigado.

O caminho percorrido pelo pesquisador, na esfera pessoal e profissional, abre espaço para a sua aproximação com a realidade, pois esse, como ser de história única e detentor de

uma subjetividade, constitui-se como sujeito impar na redefinição de preposições e na visão de novas possibilidades a serem construídas e transformadas. A pesquisa qualitativa não se destina a provar ou verificar nenhuma hipótese, mas sim construir conhecimento a partir da valorização da subjetividade humana, em que os dados coletados existem e se integram ao processo.

Nesse referencial epistemológico qualitativo, os caminhos para a produção do conhecimento são orientados para a compreensão complexa do funcionamento psicológico humano e sobre a subjetividade.

As técnicas e os instrumentos empregados na pesquisa não são privilegiados nesta metodologia – embora sejam definidas de acordo com os pressupostos epistemológicos – utilizados apenas por facilitarem a expressão do sujeito. No entanto, a Epistemologia Qualitativa nos convida ao constante processo de reflexão, em que fazer ciência implica na capacidade de pensar e refletir sobre a realidade, envolvendo a compreensão dos complexos processos que constituem a subjetividade ao invés de se preocupar em prever, descrever e controlar a realidade (González Rey, 2005a).

Neste estudo, optou-se pelo método qualitativo, mais flexível e adaptável que o método quantitativo, visando à exploração e ao entendimento de questões que afetam a vida das pessoas e suas vivências. Para Ghiglione e Richard (1994, citado por Arrais, 2005), esse método está relacionado à descrição do sujeito na sua singularidade e também na sua totalidade, reconhecendo as múltiplas referências, a globalidade e complexidade do seu objeto.

### O momento empírico

O espaço social da pesquisa é considerado parte constituinte da pesquisa, em que o pesquisador se integra de diferentes maneiras aos espaços dos sujeitos pesquisados, gerando um cenário que contribui para o posicionamento e para a expressão dos participantes da pesquisa (González Rey, 2005b).

Buscou-se pesquisar no ambiente das organizações, a partir do estudo de caso de um indivíduo que relatava um sofrimento relacionado ao trabalho que desempenhavam. O sujeito pesquisado procurou a instituição para relatar sua queixa. Desta forma, o contexto escolhido pelo próprio sujeito foi considerado o campo de pesquisa deste estudo, pois se acredita que:

A pessoa consegue o nível necessário de implicações para expressar-se em toda sua riqueza e complexidade se inserida em espaços capazes de implicá-las através da produção de sentidos subjetivos. Tais espaços se constituem no interior de seus sistemas mais significativos de comunicação, por isso a pesquisa qualitativa orientada a estudar a produção de sentido subjetivo do sujeito, bem como sua forma de articulação com os diferentes processos e experiências de sua vida social, deve aspirar a fazer do espaço de pesquisa um espaço de sentido que implique a pessoa estudada. (González Rey, 2005a, p.15)

Esta pesquisadora era estagiária do último semestre de Psicologia e atendia no centro de Formação de Psicólogos do Uniceub, o que permitiu um contato diferenciado com o sujeito pesquisado, pois possibilitou uma aproximação no contexto organizacional, mas que depois se deslocou para outra forma de relação.

A pesquisadora propôs a participação no estudo sobre como se configurava o sofrimento ligado ao trabalho, após verificar que as queixas se tratavam de um sofrimento

que, segundo o sujeito pesquisado, era causado pelo trabalho. O pesquisado assinou o termo de consentimento e recebeu explicações sobre a importância da utilização de casos clínicos em pesquisas sobre temas como esse.

### Contexto de pesquisa

A empresa em que ocorreram os encontros como sujeito pesquisado no presente estudo, situa-se no Distrito Federal e atua no ramo de serviços de saúde. É nacionalmente reconhecida pela qualidade dos serviços prestados e pelo tratamento diferenciado com que se relaciona com os seus colaboradores. Além de possuir certificados de qualidade, conquistou certificados por apresentar práticas de responsabilidade social com seus parceiros e comunidade. Atualmente está entre as 150 Melhores Empresas para se Trabalhar, sendo a 5ª melhor empresa para a mulher trabalhar no Brasil.

Os encontros com o participante da pesquisa ocorreram no próprio contexto de trabalho, onde a pesquisadora e o pesquisado são funcionários. A vivência, por parte da pesquisadora, dentro da organização, possibilitou a investigação mais detalhada da relação do sujeito com o ambiente por ser parte integrante do espaço social da pesquisa. Também exigiu maior cautela, pois a familiaridade com o local da pesquisa poderia interferir na percepção e valorização das singularidades trazidas no discurso do sujeito pesquisado.

Apesar de não se caracterizar como um atendimento terapêutico, nos primeiros contatos estabelecidos é necessário conhecer a demanda do cliente e procurar estabelecer uma relação de confiança. A criação de um espaço de aceitação e confiança é indispensável para que o indivíduo se sinta confortável para se expressar com toda sua complexidade e configurações subjetivas.

A proposta para participar deste estudo foi feita depois da procura, por parte do pesquisado à pesquisadora. As explicações sobre como se daria à exposição do caso, ou seja, mantendo o sigilo e os dados do sujeito pesquisado, bem como a necessidade de mais encontros com entrevistas semi-estruturadas sobre o tema da pesquisa.

#### Participante da pesquisa

Levando-se em conta o método escolhido para a presente pesquisa, procurou-se escolher participantes que procuraram, espontaneamente, relatar seu sofrimento.

Foi selecionado para esta pesquisa o caso de um trabalhador, residente no Distrito Federal, sexo feminino, 32 anos, casada, duas filhas, que cursou até o Ensino médio. O sujeito pesquisado trabalhava no período em que se realizou a pesquisa, exercia uma função dentro da sua área de interesse e procurou a pesquisadora no contexto organizacional, queixando-se de sofrimento relacionado ao trabalho.

#### Instrumentos e processos para a produção de informação

A pesquisa, dentro da Epistemologia Qualitativa, é compreendida como um processo de comunicação, já que o homem se comunica nos diversos espaços sociais em que vive. O diálogo foi o principal instrumento por meio do qual se procurou conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizavam os sujeitos pesquisados. González Rey (2005a) ressalta a importância da comunicação da seguinte maneira:

Por intermédio da comunicação, não conhecemos apenas os diferentes processos simbólicos organizados e recriados nesse processo, estamos tentando conhecer o outro nível diferenciado da produção social, acessível ao conhecimento somente

por meio do estudo diferenciado dos sujeitos que compartilham um evento ou uma condição social (p. 14).

O pesquisador também se apresenta como um instrumento de pesquisa, na medida em que permite o surgimento, pela relação com o sujeito pesquisado, de um espaço permanente de produção de informação. Dessa relação entre pesquisado e pesquisador se desenvolve uma necessidade pessoal de expressão, em que a pessoa que participa da pesquisa não mais se expressará por causa da pressão de uma exigência instrumental (González Rey, 2005a).

Os instrumentos utilizados na investigação, descritos abaixo, foram escolhidos de acordo com a estratégia interativa planejada com o objetivo de facilitar a expressão subjetiva do sujeito. Fernando Rey (2005a) define o instrumento como um recurso que permite a expressão do outro num contexto de relação que caracteriza a pesquisa. O instrumento é uma via de informação que possam tirar das pessoas expressões emotivas, cuja essência está no sentido subjetivo.

#### Entrevista de acolhimento.

As entrevistas de acolhimento foram realizadas no momento em que os sujeitos procuraram a pesquisadora. Por não serem planejadas e ocorrerem no exato momento em que a pessoa busca ajuda para lidar com seu problema, as entrevistas não são previamente planejadas e a postura terapêutica visa oferecer uma escuta especializada capaz de ouvir, acolher e conhecer a demanda do sujeito. Essa postura é esperada tanto no atendimento clínico psicológico como no contexto da organização.

O acolhimento não se limitava apenas a uma única sessão, mas à medida que se construísse uma relação de escuta, aceitação e empatia entre os sujeitos e a pesquisadora.

Nesses momentos, as entrevistas não enfocavam o problema, mas a necessidade das pessoas de relatarem sobre sua experiência e dificuldade.

#### Dinâmica conversacional.

Uma pesquisa comprometida com a expressão diferenciada dos sujeitos não pode estar comprometida por instrumentos que limitem a manifestação da pessoa em toda a sua complexidade. Isso implica na valorização da dinâmica conversacional como caminho para o conhecimento do sujeito pesquisado.

A conversação estabelece um processo relacional, permitindo que cada contato seja uma nova produção subjetiva, em que o pesquisador procura conhecer mais profundamente a pessoa concreta em sua singularidade.

A expressão tem que ser espontânea e livre, uma vez que a subjetividade não vem expressa em uma comunicação direta a nível consciente. Ela é inteiramente composta por indicadores indiretos e implícitos na expressão do sujeito. Essa expressão é marcada por conflitos existentes e que muitas vezes são imediatas à realidade do sujeito que vive tais experiências (González Rey, 2005a).

No entanto, nem sempre o diálogo se dá de forma não planejada. A entrevista semi-estruturada é utilizada quando o pesquisador procura investigar os indicadores aparentes dos diferentes processos e configurações subjetivas, na tentativa de compreender a maneira diferenciada que cada sujeito se posiciona no social. Outros aspectos que foram verificados neste tipo de entrevista foram aspectos da organização do trabalho, uma vez que o tema da pesquisa exigiu maior entendimento sobre isso.

### Completamento de frases.

Um outro instrumento importante é o complemento de frases que apresentam indutores curtos referentes a experiências, atividades e pessoas, que devem ser preenchidos pela pessoa que responde. Essa técnica projetiva, centrada na produção individual, permite que o indivíduo se expresse nos âmbitos dos seus sentidos subjetivos, deslocando-o em suas diferentes experiências de vida (González Rey, 2005a).

Trata-se de um instrumento que consiste na apresentação de frases curtas e incompletas, entregues ao sujeito pesquisado para que esse complete com o que emergir em sua mente no momento em que lerem a frase em questão.

O completamento de frases é um instrumento em que colocamos os indutores sobre os quais queremos que o sujeito se expresse intencionalmente. Assim, as frases são produzidas a partir dos temas e objetivos da pesquisa, variando quanto à quantidade, ordem e conteúdo.

### Procedimentos de construção da informação

Na metodologia escolhida nesta pesquisa, a construção da informação é a parte mais difícil de se realizar. Requer uma teoria servindo como referencial para a busca da informação, uma postura de neutralidade e ao mesmo tempo ativa do pesquisador, e a confrontação permanente entre a teoria e o real.

Os instrumentos são utilizados como indutores, estimulando uma dinâmica conversacional que implique a expressão do pesquisado em suas reflexões e emoções sobre o tema em questão, sem impedir que novos temas sigam emergindo. Segundo González Rey (2005a), “a conversação é um sistema no qual os participantes se orientam em seu próprio curso e em que os aspectos significativos aparecem na medida em que as pessoas envolvidas avançam em suas relações”.



É importante considerar o conhecimento sempre em processo e, por isso, na metodologia escolhida neste estudo, o objetivo é de levantar indagações e não de apresentar um resultado acabado e fechado em si mesmo sobre o problema. O que se procura é construir um conhecimento a respeito da realidade que se quer conhecer, descrevendo-a da melhor maneira possível.

Com isso, são levantados indicadores relevantes dentro da análise que implicam o sentido subjetivo dos participantes e que assumem valor na elaboração de hipóteses que se integram e marcam o curso da produção de informação.

A teoria é o facilitador para perceber esta realidade, apesar de limitar a percepção por ser compreendida, na epistemologia qualitativa, como a construção de um sistema de representações capaz de articular diferentes categorias entre si e de gerar inteligibilidade sobre o que se pretende conhecer na pesquisa científica (González Rey, 2005a).

É na fase de análise das informações que ocorre a aplicação das idéias e reflexões do pesquisador com o objetivo de desenvolver novas zonas de sentido sobre a realidade estudada. O momento da interação entre pesquisador e pesquisado é permeado pela singularidade de dois indivíduos, o que possibilita o surgimento de novas necessidades. Essa dinâmica é valorizada na metodologia proposta e vão se organizando em representações teóricas pelo pesquisador.

No próximo capítulo, a pesquisadora procurou percorrer esse caminho, de verificar novas zonas de sentido implicadas na relação do homem com seu trabalho. Buscou-se conhecer os sentidos subjetivos constituintes da subjetividade individual, que apareceram no curso das diferentes expressões dos sujeitos estudados, caracterizados pela complexidade que é o humano.

### CAPÍTULO 3

#### Resultados E Discussão

No presente capítulo apresenta-se a descrição do caso selecionado e as construções elaboradas a partir das respostas dadas no completamento de frases e nos entrevistas realizadas com o sujeito pesquisado. Os conteúdos aqui apresentados são interpretados de acordo com a metodologia qualitativa acima apresentada, tratando os assuntos de acordo com sua importância na subjetivação singular de cada sujeito. Foi dado nome fictício à participante, com o intuito de preservar sua identidade.

#### Estudo De Caso:

O caso apresentado situa-se no contexto organizacional, em que o primeiro contato ocorreu devido à procura de Maria ao setor de pessoas pedindo para ser remanejada para outro setor da empresa. Maria trabalha no setor administrativo da empresa há dois anos, exerce o cargo atual há um ano, mas antes estava lotada em uma das unidades de atendimento da empresa do ramo de serviços de saúde, atuando diretamente com os pacientes.

Maria tem 32 anos, é casada, natural da Paraíba. Possui ensino médio completo e trabalha como assistente administrativa na referida empresa. Mora com o marido e com duas filhas – duas meninas que possuem 5 e 3 anos – em casa própria no entorno de Brasília e possuem uma renda familiar média de R\$ 3.000,00 mensais.

Nos últimos seis meses, relata que começou a se sentir muito triste, irritada, passou a chorar com frequência e apresentar súbitas alterações de humor que descreve como “*percebo que sou muito inconstante, qualquer coisa que me contrariasse passou a me deixar triste*”. Depois de três meses assim, Maria procurou um médico que lhe receitou fluoxetina.

E: *Fale-me um pouco sobre o início desse comportamento diferente que você começou a apresentar.*

M: *Eu trabalhava no atendimento, que é um dos cargos mais baixos da empresa, mas não me importava, pois é desse jeito que normalmente se começa num emprego novo. Só que eu sabia que eu era capaz de mais e fui procurando mostrar isso e aproveitar quando surgisse uma oportunidade. Quando mudei de local, apesar de ter que deslocar pra um local de trabalho mais longe da minha casa, me animei. E os primeiros meses, naquela fase de adaptação é um pouco cansativa, tem horas que você se sente invadindo o espaço dos outros e que a equipe já está formada e você não faz parte dela. O problema foi quando essa sensação não passou e eu já estava completando quase seis meses lá. Eu senti que meu trabalho não desenvolveu, me passaram só algumas coisas e mais nada, sei lá, não sei se não confiam em mim, se não me acham capaz, mas é isso que comecei a pensar. E essa sensação passou a me acompanhar. Foi quando comecei a ficar mal. Porque quando uma coisa não sai da sua cabeça, principalmente quando você sabe que ela é pequena, que pode não ser nada, você sabe que não tá bem e que isso tá te afetando demais. Ai eu comecei a dormir pensando em como ia ser no dia seguinte, comecei a conversar em casa sobre o que fazer pra mudar a situação, porque ninguém pode esperar que os outros mudem pra você. Pensei em voltar a estudar, essa é uma vontade que sempre tive mesmo. Até que um dia chegou e eu não queria ir trabalhar, mas tinha que ir.*

Observa-se na expressão de Maria como começam os processos de produção de sentido subjetivo que estão associados a coisas aparentemente pequenas, mas que vão tomando formas subjetivas que se tornam independentes de sua origem. Essas formas, por sua vez, começam a se expressar em sentidos subjetivos que marcam formas fixas de comportamentos, como, por exemplo, deitar pensando em como será acolhida no próximo dia, pensar que os outros a consideram pouco competente, conversar com a família sobre o que lhe

acontece no trabalho, atitudes estas que Maria relata como recentes. Essas formas fixas de ação vão se convertendo em sentidos subjetivos que se articulam numa configuração responsável pela perpetuação desses comportamentos e desses estados subjetivos. Isso se torna bastante evidente no trecho de fala apresentado. A configuração subjetiva de um estado psicológico não é a expressão imediata de algo que acontece, mas a produção progressiva de coisas que acontecem e de outras criadas subjetivamente pela pessoa, como uma produção pessoal da experiência vivida.

Maria relaciona esses sentimentos à decepção que foi sentindo em relação a sua vida profissional e ao trabalho, confirmando isso no completamento de frases:

*“Minha maior decepção: acredito que foi não ter feito uma base boa profissional, tive a oportunidade, mas não agarrei”;*

*“Quando penso em trabalho: antes, só pensava quando estava nele, fora pensava em outras coisas. Mas ultimamente, fico pensando no que fazer pra me sentir melhor, mais útil, fico com medo de perder o emprego por não fazer diferença lá dentro, daí vai me dando um desespero e é quando choro”;*

*“Fracassei... em não ter feito uma base melhor profissionalmente”.*

O conflito de Maria parece estar relacionado ao fato de se sentir insignificante e por isso, não se sente segura em manter o emprego, uma vez que no completamento de frases, relata que *“Tenho dúvidas: do dia seguinte no meu trabalho, às vezes penso se estarei no meu setor amanhã, como sou tão pouco usada, penso que em breve não serei útil”*. Quando solicitado que ela relatasse no que pensa nas horas que se sente assim, ela respondeu: *“tenho a sensação de que se eu não viesse trabalhar, não faria falta, como faço apenas as coisas simples do setor, coisas que qualquer outro pode fazer. Daí fico vendo as coisas que as outras pessoas fazem, e muitas vezes penso que sendo inteligente e podendo aprender muita coisa, eu poderia ser mais útil”*.

A configuração que aparece aqui representada é a de insegurança em relação a sua atuação na empresa e em consequência disso, em relação à possibilidade de ser dispensada já que não se sente necessária, nisso aparece uma mistura de estados emocionais, como percepção de incompetência, medo, que se expressa em emoções que, pela sua vez, não fazem senão acrescentar esses sentidos subjetivos dominantes na sua configuração subjetiva atual.

É importante observar que o desemprego é um acontecimento que aparece muito nos relatos de Maria e no desenvolvimento do seu estado de ansiedade em relação ao seu trabalho. *“Minha maior preocupação: meu marido e eu ficarmos sem emprego”*. Altas taxas de desemprego acompanhadas de uma maior exigência sobre aqueles que se candidatam a emprego – como ocorre em relação ao nível de escolaridade – e sobre aqueles que estão trabalhando, os quais devem estar sempre demonstrando dedicação total às empresas são alguns dos aspectos que configuram o contexto atual. O desemprego crescente assume, então, uma faceta importante como controle simbólico. A força de todas essas mudanças, notadamente sua forte vinculação com a situação e o fantasma do desemprego, é sentida como imobilizadora da ação articulada dos indivíduos.

Essas dúvidas em relação ao futuro, somado às percepções de incompetência, se articulam e mobilizam emoções em Maria que a fazem chorar, perder o sono, se prender aos acontecimentos ocorridos no trabalho.

No relato sobre as características do trabalho, é possível observar as situações que mais implicam sofrimento pra Maria: as relações sociais na empresa com os colegas e chefias aparecem como um indicador de sofrimento em Maria, e a falta de uma divisão bem clara de suas tarefas e de seu papel dentro da organização.

E: *Me conte um pouco sobre seu dia a dia de trabalho.*

M: *Bem, isso depende. No começo de todo mês tenho muita coisa pra fazer, pois sempre tem que fechar os dados do mês anterior, fazer estatísticas, relatórios e documentos a*

*serem enviados para todos os setores. Além disso, pela manhã é sempre mais agitado. Preciso sempre verificar os e-mails, enviar correspondências, abrir as que chegaram no setor e ver destas, o que precisa ser resolvido. Mas depois, do meio do mês em diante, fica aquela agonia de me sentir inútil, porque só faço a demanda do que surgir. E vejo os outros cheios de coisas, fico pedindo pra ajudar ou observando pra ver se aprendo alguma coisa. O pior é isso, é ver que dá pra dividir mais as atividades, só que as pessoas não te passam e você fica pensando: 'Será que o problema é com você?' E é nessas horas que começo a ficar mal, porque vejo que sei fazer bem mais, vejo que aprendo com facilidade e começo então a ter um sentimento de tristeza, tenho medo por saber que o que faço qualquer um pode fazer. A verdade é que tanto faz eu estar ali ou não!*

*E: O que você gostaria que mudasse no seu trabalho?*

*M: Essa minha rotina, gostaria de ter tarefas mais complexas, de não ver o tempo passar. É horrível você ficar olhando pro relógio de 5 em 5 minutos. Eu gosto do que faço, só que acho que poderia fazer muito mais, e algo que fosse diferente, importante. Outra coisa que queria mudar é essa questão da equipe. São todos legais, não tem problema, mas é horrível você sentir que não faz parte da equipe, como se estivesse um nível abaixo de todos. A outra coisa em relação a isso, e não ter retorno sobre o que você está fazendo. Digo, recebo elogios, incentivos, mas algumas coisas acontecem e não são ditas. Por exemplo, você fez uma tarefa umas duas vezes e depois passaram ela pra outra pessoa fazer. Daí você fica pensando: por que? Será que não fiz direito? Ou então você sabe que alguma coisa que você fez foi totalmente alterada e você fica sem saber o motivo, onde poderia melhorar, o que não gostaram. A chefia é muito boa, elogia, trata bem, observa quando você está mal. Daí você nem tem o que reclamar, só que essa liberdade exagerada faz mal, porque você não sabe o que está acontecendo, o que estão pensando sobre seu trabalho como um todo, pontualmente sabe. E quando surge alguém novo, que vem pra realizar outras atividades, você pensa:*

*porque não passaram pra mim? Acho que se isso mudasse, acho que eu me sentiria melhor. Porque lá tudo é bom, os benefícios, o respeito com as pessoas.*

Salienta-se que a dificuldade de comunicação aparece como um importante mobilizador dos sentimentos negativos sentidos por Maria. Segundo González Rey (2004), a comunicação é uma condição essencial para os relacionamentos de direção, principalmente para sistemas que se apóiam em valores e estímulos de tipo moral. O diálogo é essencial para o sentimento de democracia, pois possibilita que o sujeito se apresente, ou seja, o espaço da fala lhe permite assumir posição diante das situações reais dentro da instituição. Dejours (1994) considera fundamental a existência de um “espaço de palavra” que permita a troca, a exposição das dificuldades e da engenhosidade colocada pelo sujeito.

Nota-se pela fala de Maria, o desenvolvimento de mal-estar instalado na forma de direção da atividade de trabalho, como no caráter da tarefa a ser desenvolvida. Os relacionamentos no contexto de trabalho é um dos fatores que, quando são adequadas, estimulam o sentimento de segurança, de se sentir útil e valorizado, além da sensação de pertencimento ao grupo. Esses sentimentos positivos em relação ao grupo são elementos fundamentais para a sensação de bem-estar emocional. Os aspectos sociais são um fenômeno complexo que pode ser influenciado por questões relacionadas ao trabalho, financeiras, culturais e outras que atuam sobre a saúde dos indivíduos.

Sobre esses aspectos, chama atenção a desconfiança em relação às pessoas em geral, não apenas no ambiente de trabalho. Isso se apresenta com clareza nas frases abaixo.

*“É difícil: encontrar amigos sinceros”;*

*“Meus colegas de trabalho: pessoas que gosto, porém sei que, se um dia me desligar da empresa não terei mais contato. Sinto isso!;*

*“As pessoas: não vivemos só, precisamos delas, no entanto temos que selecioná-las bem para não sofrermos muitas decepções, mas não podemos exigir perfeição de ninguém”.*

Quanto à atividade em si, a tarefa desempenhada pelo indivíduo, Maria apresenta grande insatisfação. A forma como se organiza sua rotina e tarefas, a falta de significado e de valorização da própria em relação ao papel que desempenha aparecem como fundamentais para Maria, uma vez que a maior queixa dela está relacionada ao caráter das tarefas que desenvolve.

*“Me frustra: começar algo e não terminar, ultimamente isso tem acontecido comigo”;*

*“Meu trabalho: às vezes é agradável, às vezes faço o que gosto, acho que poderia fazer muito mais”;*

*“Quando estou no trabalho: é meio complicado, vou dizer exatamente como me sinto, me sinto às vezes inútil, pois quero aprender mais e não consigo, é horrível trabalhar do lado de alguém que não te ajuda, não te passa informação, não te ensina. Às vezes, sinto que estou aqui apenas para encher lacuna, pra fazer os serviços de boy, sei que poderia fazer muito mais, mas sou podada disso”.*

Além disso, a realidade percebida não ocorre de maneira desvinculada dos sentidos subjetivos do próprio indivíduo. A fala de Maria nos permite perceber a existência de elogios e demonstrações de satisfação da direção em relação às tarefas que ela desempenha.

Essa entrevista ocorreu no próprio ambiente de trabalho, em que Maria procurou o setor de gestão de pessoas para voltar a exercer o antigo cargo. Na ocasião, a direção do setor não aceitou fazer a mudança, justificando a importância de Maria para o setor e a satisfação com o desempenho dela em suas tarefas.



Aqui vale ressaltar que a qualidade da saúde mental de cada pessoa, e mesmo de saúde física, é em grande parte determinada pela maneira como o indivíduo, consegue suportar as frustrações com as quais vai se deparar na passagem do singular para o plural por ocasião do confronto com a realidade do mundo do trabalho. Sobre isso, Gonzalez Rey (2004), afirma que:

O sentido de atividade de trabalho dependerá muito do desenvolvimento, e dos recursos psicológicos do trabalhador, e não apenas das características objetivas da atividade. Quando a atividade laboral está muito além ou muito aquém das possibilidades do trabalhador, pode ser uma fonte de mal-estar emocional e distresse (p.42).

No completamento de frase se identifica este importante núcleo de sentido para Maria, em que ela identifica qual sua postura desde pequena: *“Na escola: sempre fui muito ativa e participativa, tomava a frente dos trabalhos e gostava muito de apresentá-los”*.

O reconhecimento e a valorização são núcleos de sentidos de trabalho significativos em Maria e, por isso, apesar de identificar condições de trabalho menos favoráveis que as atuais, se sentia melhor no emprego anterior:

*“Só que isso incomoda muito, eu já trabalhei em outras empresas, com menores salários, com muito menos benefícios, só que como me sentia mais útil, exercia tarefas de responsabilidade e confiança, me sentia melhor. E olha que tinha um chefe autoritário, que explodia com você, além das condições do ambiente não serem tão boas como é agora.*

Este parece ser um núcleo de sentido subjetivo para Maria, em que o *“Trabalho: é bom, porém às vezes ingrato”*. Seus relatos sugerem uma percepção em que a relação está desequilibrada, pois o trabalho não lhe retribui e não lhe reconhece por toda sua capacidade.

Outro indicador que aparece de maneira muito acentuada na configuração de Maria é a sua incerteza futura em relação às filhas e relacionada a acontecimentos passados. No completamento de frases, Maria apresenta suas angústias em relação ao trabalho:

*“Desde pequena eu sabia o que realmente é trabalhar, correr atrás. Minha mãe sempre trabalhou fora, não tinha muito tempo para os filhos, então fui criada e educada pelas minhas irmãs mais velhas, éramos oito e eu era a mais nova das mulheres. Bons eram os tempos que morávamos com meus avós na Paraíba, onde nada lhe faltava, alimento então, tinham em abundância. Eles tinham duas fazendas, e todos os finais de semana era uma alegria ir lá. Minha mãe foi um pouco egoísta por ter ido nos buscar apenas para passar dificuldades, crescer assustada e insegura. Mas sei que ela nos amava e queria que ficássemos perto dela. Lembro que tinha um pouco de medo que minha mãe ficasse desempregada, ela falava muito sobre a necessidade de trabalhar pra ter o que comer, e depois que mudamos pra cá, tudo ficou mais escasso e minhas irmãs começaram a trabalhar também, pra ajudar. Então sempre tinha comentários sobre a necessidade de trabalhar, o medo de não conseguir pagar as contas. Não só a nossa família, mas os vizinhos também passavam dificuldade”*.

A relação entre passado e futuro aparece no completamento de frases:

*“Meus pais: amo muito a minha mãe, no entanto me esforço para não agir com minhas filhas como ela agiu comigo”*;

*“Minhas aspirações: sinceramente penso muito em ter boas condições (materiais, físicas e emocionais) para criar minhas filhas de forma que se tornam boas pessoas, com bons princípios”;*

*“Meu maior temor: sei que repito muito isso, mas esse é realmente o meu maior temor, que minhas filhas passem pelo que passei”.*

Nessas frases apresentadas observa-se como o passado tem papel ativo na organização atual de Maria. O forte lugar que o passado ocupa na vida de Maria a faz supervalorizar a necessidade de ter boas condições financeiras para dar um melhor futuro às filhas.

No entanto, essas informações também são indicadores de que a família é um núcleo de sentido importante em sua configuração subjetiva, uma vez que é mobilizadora de sentimentos. A família aparece como uma categoria organizadora de sua configuração subjetiva que lhe possibilita afeto, apoio e segurança.

A família aparece em todos os momentos do seu discurso, como se fosse um dos esteios de sua organização subjetiva, o lastro de amor, aceitação, conforto, investimento afetivo, componente de seu modo de vida e foco de suas atitudes, como se observa nas frases abaixo.

*“Em casa: me sinto muito bem, meu cantinho”.*

*“Minha família: minha vida, não me imagino sem eles, é minha sustentação”.*

*“Minhas filhas: é o que dá forças para continuar”.*

*“Estou melhor quando: estou em minha casa, ou quando faço alguma programação com minha família e amigos”.*

*“Sinto prazer: em comer bem, ficar com minha família, rir, falar besteira”.*

*“Meu futuro: ser feliz ao lado da minha família e amigos”.*

Pode-se perceber o papel da família no processo decisório de Maria em relação aos planos futuros se apresenta como um indicador que merece destaque na dinâmica do conflito instalado em relação ao trabalho. Maria parece viver de maneira ambígua seus sentimentos e objetivos em relação ao trabalho. Ao mesmo tempo em que se queixa de fazer algo que acha aquém da sua capacidade, relata das dificuldades de voltar a estudar. Diz que gosta mais do serviço que desempenha agora, mas que no outro cargo trabalhava mais próxima de casa e tinha mais tempo de contato com a família, como mostra o relato a seguir:

*M: A vantagem de ficar no atendimento era de estar mais próxima de casa. Minhas filhas vão para a escola pela manhã, mas ficam com minha sogra no período da tarde. Às vezes, se eu enrolar muito pra buscá-las, escuto reclamações. Quando o pessoal do trabalho resolve sair depois do trabalho, sinto vontade de ir, mas nem sempre posso. Você acha que eu não gostaria de voltar a estudar? Só que não posso criar problemas com minha família pro causa disso. Esse era uma dos motivos que mais me deixaram irritada e triste quando me deparei com essa nova realidade de trabalho, e de ver que preciso estudar mais pra ter um cargo melhor. Agora já me sinto melhor, pois pensei na possibilidade de fazer um curso à distância.*

A atividade feminina tem sido marcada por um refluxo durante o período de maior cuidado e educação dos filhos. Entre as que permanecem empregadas, um alto percentual trabalha em "tempo parcial" (Médici, 1989). Isso porque a incorporação crescente de novas atividades fora do lar não as têm necessariamente desobrigado das antigas funções. Sem equipamentos sociais que as liberem ou aliviem das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos, grande número de mulheres é levado a optar por jornadas parciais e até mesmo por interrupções freqüentes na vida profissional.

Nesse ponto, pode-se observar uma categoria do sujeito, da influência da cultura sobre o gênero feminino, em que um dos aspectos mais evidentes quando se analisam as relações

entre família e espaço público é o de que "o doméstico" permanece como o principal elemento de mediação da vida das mulheres, mesmo que isso ocorra de forma involuntária. Por essa razão, os aspectos relacionados à família, o cuidado ou atividades de reprodução da vida doméstica tomam maior relevância que as demandas pessoais de socialização ou realização.

Deve-se enfatizar que, para atuar em posições no mercado de trabalho, em que é possível ter autonomia nas atividades desempenhadas sem uma supervisão exaustiva, enfrentando situações desafiadoras, é necessário ter um nível de escolaridade elevado, pois esse é um dos requisitos para se conseguir boas posições. No completamento de frases, Maria demonstra o interesse em voltar a estudar, mas esse desejo se apresenta como uma necessidade relativa a ter melhores condições e não por um desejo de realização.

*“Estudo: essencial para um futuro melhor”;*

*“Na escola: planos”;*

*“Tentarei conseguir: especializar-me em algo que realmente terei utilidade. Gosto muito do setor em que estou, mas não vejo muito futuro aqui, infelizmente, queria muito pensar o contrário”;*

*“Meu objetivo: ter estabilidade financeira e profissional para ter uma velhice tranqüila”;*

*“Lutarei: por um futuro melhor para minhas filhas”.*

É importante, notar o suporte social recebido, como é o apoio de familiares para os cuidados com os filhos, pois se observou que a média de preocupação com os filhos é alta, o que pode ser talvez explicado por uma infraestrutura inadequada nos cuidados com os mesmos. Para Hirata apud Lavinias & Castro (1990) seriam as relações homem-mulher no interior do casal e a relação salarial que estariam conformando efetivamente a relação mulher-trabalho.

Durante as entrevistas, Maria relatava que não queria criar situações de desconforto com o marido, que poderiam ser desencadeados caso ela se ausentasse mais tempo de casa. Também parece relevante destacar a reclamação que escutava da sogra caso se atrasasse pra buscar as filhas. Os espaços familiares são lugares onde circulam e são geridos bens materiais e também simbólicos que nem sempre são passíveis de consensos entre seus pares. É, sobretudo, em relação aos filhos que a ausência feminina do espaço doméstico e a possibilidade de conciliação se mostram mais problemáticas para ambos, mas, sobretudo, entre os homens.

No entanto, apesar dos conflitos com o marido, Maria se referia a ele de forma carinhosa e o reconhecendo com um bom marido: *“Meu marido: companheiro, com passar do tempo descobri que o amo muito mais”*. Já em outras frases, aparecem outros sentidos em relação ao casamento:

*“O casamento: união boa, as pessoas que, às vezes, complicam, diálogo e companheirismo é essencial”;*

*“Eu mudaria: o começo do meu casamento, era muito impaciente, não era muito companheira”.*

As frases sugerem que nem sempre o casamento se apresenta como uma relação positiva, requerendo de Maria paciência, diálogo e companheirismo. E novamente aparecem configurações subjetivas e formas de comportamento em que Maria se cobra agir diferente, como se cobra ter estudado mais para estar numa situação diferente no trabalho:

*“Queria saber: controlar minhas emoções, sou muito imediatista, às vezes faço ou falo coisas que se tivesse pensado um pouco não o teria feito”;*

*“Considero que posso: melhorar em alguns aspectos, em algumas ocasiões me sinto imperfeita demais”;*

*“Quando estou triste: choro , não consigo comer, também não consigo esconder , mas não me faço de vítima”;*

*“Com frequência sinto: que exijo demais de mim mesmo, que poderia ser mais tranqüila”.*

É possível identificar a forma como Maria se esforça pra seguir modelos sociais, não se permitindo lidar com suas emoções e imperfeições, e sempre cobrando de si mesma um controle sobre suas ações. Os dados sugerem que, no âmbito dos valores, a afirmação de uma individualidade do sujeito e de autonomia para se movimentar nos espaços sociais tende a contrastar com uma identidade que se transforma de pessoa em esposa e mãe.

Diante do que foi discutido até então, e com base nos dados que foram apresentados, torna-se relevante considerar as complexas formas de subjetividade do indivíduo para entender como se configura suas emoções e comportamentos numa situação concreta. Posto isso, partimos então para as considerações finais acerca do tema proposto neste presente estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados levantados permitiram a construção de conhecimentos sobre a realidade estudada por meio da valorização do sujeito e de sua maneira diferenciada de vivenciar seu trabalho e sofrimento. Ressaltamos, ainda, que não se tem a intenção de colocar um marco definitivo sobre o problema apresentado, uma vez que na metodologia escolhida para esta pesquisa, defende um caráter processual do conhecimento, permeado pela subjetividade social do contexto em que se insere a pesquisa e pela subjetividade do pesquisado e do pesquisador.

O objetivo desta pesquisa, ao ampliar ou valorizar o relato do sujeito para entender sobre seu sofrimento no trabalho, não é ignorar todos os avanços alcançados pelos estudos sobre os danos causados pela organização do trabalho e de uma atividade laboral. No entanto, consideramos que o indivíduo não possui formas universais de perceber a realidade e por isso, as configurações que se constituem na relação do homem com seu trabalho são constituídas por diversos processos que precisam ser conhecidos.

O caso estudado no presente trabalho possibilitou tecer reflexões sobre as configurações subjetivas que se apresentam diante de um contexto de sofrimento. Foi necessário buscar o sujeito, ou seja, conhecê-lo em sua singularidade, para entender que o comportamento humano – diante de uma situação concreta – não pode ser entendido em sua totalidade e complexidade se não for observada que cada sujeito possui uma subjetividade, que são constituídos pelo indivíduo concreto, por sua história de vida e pelos espaços sociais em que está inserido.

Com base nos preceitos teóricos da Teoria da Subjetividade, percebemos que o impacto diferenciado que cada situação tem sobre um indivíduo é modelado pelas configurações de sua subjetividade individual e social. Cada sistema institucional que o indivíduo tem acesso traz no seu espaço sua caracterização própria adquirida por sentidos que



provêm de contatos com outros espaços sociais, dinâmica definida como “configurações subjetivas” por González Rey (2003). A subjetividade individual é produto das expressões do sujeito que em cada espaço social produz sentidos diferentes e trajetórias próprias frente a toda a realidade experimentada por ele.

O sujeito está em uma constante troca de relação social, seja ela em família, no trabalho ou em outros contextos. São realidades presentes e marcantes na história de vida de um indivíduo, que se transformam em formas complexas que constituem o sujeito. As maneiras como as pessoas percebem a sua realidade e a si mesmo são diferentes e a partir dessa relação entre sujeito e o seu contato social, é que geram conflitos dialéticos produzindo sentidos subjetivos que são responsáveis por novas produções subjetivas.

Neste estudo, esse sentido subjetivo passa a ter uma função determinante no ponto principal em começarmos a pensar diferente sobre como as pessoas são impactadas pelo trabalho que desempenham e quais as configurações que se transformam em formas mobilizadoras de emoções. O sentido é singular, próprio do indivíduo e que está em constante processo de produção de novos sentidos em relação à vivência do sujeito nas suas relações sociais.

Dessa forma, o objeto estudado – o trabalho – precisou ser conhecido pela ótica do sujeito, pois é como o indivíduo percebe ou cria conhecimento sobre sua realidade que permite ao pesquisador analisar as configurações subjetivas construídas. Assim, procuramos compreender o trabalho, a história do sujeito e suas construções acerca da realidade para levantar hipóteses sobre a realidade estudada.

Baseado nos dados levantados, foi possível tecer os seguintes núcleos mobilizadores de emoções no sujeito pesquisado: o trabalho percebido como uma realidade aquém de suas capacidades individuais e que permitiram a construção de sentidos subjetivos geradores de sentimento de incompetência para o indivíduo. A sensação de menos valia foi estruturando no

sujeito um medo e uma insegurança em relação ao futuro, muito permeados pelas dificuldades e experiências passadas do sujeito pesquisado.

Em primeiro lugar, destacaram-se os problemas enfrentados no local de trabalho. Ter poucas atividades e não percebê-las como importantes dentro do ambiente de trabalho se configuraram como situações ameaçadoras para o indivíduo pesquisado, que passou a ter medo de perder o emprego.

Por sua vez, a insegurança se apresentou como uma forte zona de sentido para o sujeito, uma vez que este estabeleceu uma relação com seu passado. As dificuldades sofridas na infância e os comentários que o sujeito escutava na sua infância são constituintes dos sentidos subjetivos da realidade de trabalho de cada sujeito.

Essas configurações subjetivas expressam não apenas as emoções próprias do indivíduo, mas retrata a realidade de como aspectos sociais resultantes de outros contextos interferem nas formas como o sujeito se relaciona em outros contextos.

A dimensão do gênero surgiu como uma variável extremamente relevante, em que a divisão sexual do trabalho doméstico e as atribuições de homens e mulheres relacionadas com a responsabilidade de cuidar dos filhos permanecem como um dos aspectos geradores de conflito. Assim, foi relevante o sofrimento gerado pela cobrança feita pelos familiares sobre o sujeito pesquisado, que era uma mulher casada e mãe de duas filhas. Aparece uma maior valorização do tempo dedicado à família e ao trabalho, do que à qualidade das relações com os familiares. É de suma importância considerar a qualidade dos papéis desempenhados, a causa é que os papéis diferem em valor social, em obrigações e privilégios, assim como a proporção de privilégios e obrigações são diferentes para cada ocupante.

Sabe-se que as mulheres que são capazes de se sustentar, ter um trabalho que crie novos caminhos, e não só a rotina do trabalho doméstico; são as que conseguem superar o sentimento de impotência que aparece presente quando a mesma se encontra diante de

estressores. Essas mulheres não estão mais dependentes do poder econômico de seus maridos e em momentos de dificuldades econômicas, de desemprego do companheiro, doenças ou crises no casamento, elas podem contar com o que o seu trabalho lhe proporciona, como também com a rede de amigos criado pela sua participação no mercado de trabalho. Porém, esses estressores (eventos indesejáveis e persistentes) só causarão *distress* quando atuarem fazendo mudanças negativas nos papéis das pessoas, provocando a diminuição de auto-conceitos como domínio e auto-estima, quando mediadores como suporte e enfrentamento não estiverem presentes ou não se apresentarem adequados.

Portanto, a escuta do sujeito em sua singularidade permitiu o levantamento de novas indagações sobre o assunto estudado, possibilitando a percepção de configurações subjetivas que, embora tenham produzido sofrimento na relação do sujeito com seu trabalho, eram constituídos pela ambivalência de sentimentos que se configuravam pelos papéis do sujeito como indivíduo, mãe, esposa e trabalhadora.

## BIBLIOGRAFIA

- Abrahão, J. I.; Torres, C. & Gubert, K. B. *O Impacto das Novas Tecnologias nas Condições de Trabalho: um estudo no setor de telefonia*. Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Ergonomia, 1998.
- Arrais, A. R. (2005). *A Configuração subjetiva da depressão pós-parto: para além da padronização patologizante*. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília.
- Bertolli-Filho, C. (1992-1993). Medicina e trabalho: as "ciências do comportamento" na década de 40. *Revista de História* 127-128:37-51.
- Codo, W., Sampaio, J. J. & Hitomi, A. (1995). *Trabalho, indivíduo e sofrimento*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Codo, W. (2006). *Por uma psicologia do Trabalho: ensaios recolhidos*. São Paulo: All Books Casa do Psicólogo.
- Coelho, M. L. M (1997) Subjetividade, poder e organização do trabalho. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1, 49, 70-84.
- Dayrell J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40-52, Dezembro 2003.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho*. 5ª ed. São Paulo: Cortez-Oboré.
- Dejours, C.; Abdoucheli, E. & Jayet, C. (1994) *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da Relação Prazer, sofrimento e Trabalho*. São Paulo: Atlas.
- González Rey, F. L. (2002). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- González Rey, F. L. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Tradução técnica do autor. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

- González Rey, F. L. (2004). *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2005a). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- González Rey, F. L. (2005b). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- González Rey, F. L. (2005c). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- Lavinas, L. & Castro, M. G., (1990). *Do Feminino ao Gênero: a Construção de um Objeto. Estudos sobre a Mulher no Brasil: Avaliação e Perspectivas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Lacaz F. A. C. (1996). *Saúde do Trabalhador: um estudo sobre as formações discursivas da Academia, dos Serviços e do Movimento Sindical*. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências Médicas. Unicamp, Campinas.
- Lacaz F. A. C. (1997). Saúde dos trabalhadores: cenário e desafios. *Cadernos de Saúde Pública* 13(supl. 2):7-19.
- Machado-Neto, Z., (1987). A força de trabalho da mulher no espaço do bairro. *Caderno do NEIM*, Salvador, 4: 08-16.
- Martinez, M. C.; Paraguay, A. I. B. B., (2003). Satisfação e Saúde no Trabalho – aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, São Paulo, v. 6, n. 1, dez 2003.
- Martínez, A. M. (2005). A teoria da subjetividade de González Rey: Um expressão do paradigma da complexidade. In: González Rey, F. L. *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

- Médici, A. C., (1989). Mulher brasileira: muito prazer. In: Labra, E. *Mulher, Saúde e Sociedade no Brasil*. Petrópolis: Vozes/ Rio de Janeiro: Abrasco.
- Minayo G. C. & Thedim-Costa S. (1997). A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. *Cadernos de Saúde Pública* 13(supl. 2):21-32.
- Mendes, A. M.; Borges, L. de O.; Ferreira, M. C. (2002) *Trabalho em transição, saúde em risco*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Neubern, M. S. A subjetividade como Noção Fundamental do Novo Paradigma: Breve Ensaio. In: González Rey, F.L. *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- Sato L, Lacaz F. A. C. & Bernardo M. H. (2004). Psychology and Workers Health Movement in the State of São Paulo. *Journal of Health Psychology* 9(1):121-130.
- Seligmann-Silva E (1986). Crise econômica, trabalho e saúde mental, pp. 54-132. In: Angerani. V. A. (org.). *Crise, trabalho e saúde mental no Brasil*. São Paulo, Traço.
- Seligmann-Silva E (1994). *Desgaste mental no trabalho dominado*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro; São Paulo, Cortez Editora.
- Silva, J. R. G.; Vergara, S. C. (2002). Mudança Organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos. In: *Anais do XXVI Encontro da ANPAD*. Editora. Descrição física.
- Touraine, A. (1989). *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Unicamp.
- Touraine, A. (1994). *Crítica da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Touraine, A. (1998). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Touraine, A.; Khosrokhavar, F. (2004) *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### Carta Convite

Brasília-DF, 05 de junho de 2007.

Prezado Participante,

Tem esta o objetivo de convidá-lo para participar de um estudo que ora estou conduzindo como parte integrante da Monografia, trabalho exigido para obtenção do grau de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

As informações extraídas deste estudo serão utilizadas para produção de conhecimento científico sobre as relações interdependentes do trabalho na saúde do sujeito entrevistado, com ênfase nas suas relações com o trabalho. Também será construído conhecimento acerca das influências dos fatores sociais do sujeito entrevistado na sua vida social e familiar.

O desenvolvimento das informações decorrentes deste estudo será orientado pelo Professor Dr. Fernando Rey, docente do UniCEUB. Neste estudo, pesquisarei os aspectos psicossociais presentes na relação saúde mental e trabalho e, para tanto, caso você consinta, utilizarei de gravador para melhor aproveitamento das suas percepções acerca da família, dos amigos, religião, educação e, por fim, do trabalho.

Será mantido total sigilo acerca das suas declarações. Sua participação será totalmente voluntária. Você não é obrigado a prestar informações que não deseja ou que considere importantes manter em sigilo. É assegurado total direito para que você, se considerar conveniente, interromper sua participação, em qualquer tempo.

Suas percepções serão valorizadas e não serão julgadas sob qualquer circunstância, pois são de alta relevância para este estudo.

Por fim, os resultados de nossas entrevistas, mantidos e resguardados os aspectos éticos do sigilo, serão publicados no meu trabalho de monografia.

Desde já agradeço sua valorosa atenção e preciosa colaboração.



## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Compreendo e consinto em participar do trabalho psicológico desenvolvido pela estudante JULIANA ALCANTARA MENDES RIBEIRO a mim proposto nesta data.

Consinto também que todas as informações por mim fornecidas sejam objeto de produção de conhecimento científico e publicadas no trabalho de Monografia ora em desenvolvimento pelo estudante acima referido.

Declaro entender que será mantido sigilo sobre as informações por mim fornecidas e consinto, por oportuno, que seja utilizado gravador e que as fitas serão degravadas ao final dessa pesquisa.

Por fim, declaro entender que posso interromper minha participação no momento que eu achar oportuno.

Tendo em vista as declarações acima, concordo participar desse estudo.

Nome.....

Idade.....

Assinatura.....

Local e data.....

## ANEXOS

## ANEXO 1

Complemente as frases!

1. Eu ...sou muito ansiosa e preocupada com tudo
2. Gosto... de tranquilidade, de viver em paz.
3. Odeio... falsidade , trapaças
4. Amo... minha família
5. Lamento...não ter estudado mais.
6. Sofro...com o passado, me persegue
7. Trabalho...é bom , porém as vezes ingrato
8. Estudo... essencial para um futuro melhor
9. Penso muito...no bem estar das minhas filhas , no futuro delas , penso também em meus irmãos e meus sobrinhos .
10. Em casa...me sinto muito bem, meu cantinho.
11. Quando estou no trabalho...é meio complicado, vou dizer exatamente como me sinto, me sinto as vezes inútil , pois quero aprender mais e não consigo , é horrível trabalhar do lado de alguém que não te ajuda , não te passa informação , não te ensina,as vezes sinto que estou aqui apenas para encher lacuna, para fazer os serviços de boy, sei que poderia fazer muito mais , mas sou podada disso.
12. Na escola...tenho planos, sempre fui muito ativa e participativa, tomava a frente de dos trabalhos e gostava muito de apresentá-los
13. Minha família...minha vida, não me imagino sem eles ,é minha sustentação
14. Minhas filhas....é o que dar forças para continuar .
15. Meu marido...companheiro, com passar do tempo descobri que o amo muito mais
16. Meus pais...amo muito a minha mãe, no entanto me esforço para não agir com minhas filhas como ela agiu comigo, na verdade não sei como é ter pai.
17. Meus amigos...são literalmente amigos, confio
18. Meus colegas de trabalho...pessoas que gosto , porem sei que se um dia me desligar da empresa não terei mais contato, sinto isso.
19. Meu trabalho... : às vezes é agradável, as vezes faço o que gosto acho que poderia fazer muito mais.
20. Minha casa...melhor lugar do mundo ainda mais quando estou com minha família
21. O casamento...união boa , as pessoas que as vezes complicam, dialogo e companheirismo é essencial
22. As pessoas...não vivemos só , precisamos delas , no entanto temos que selecioná-las bem para não sofrermos muitas decepções, mas não podemos exigir perfeição de ninguém .
23. Minhas aspirações...sinceramente penso muito em ter boas condições ( materiais , físicas e emocionais) para criar minhas filhas de forma que se tornam boas pessoas , com bons princípios.
24. Meu maior temor...sei que repito muito isso , mas esse é realmente o meu maior temor, que minhas filhas passem pelo que passei
25. Minha maior preocupação...meu marido e eu ficarmos sem trabalho
26. Meu principal problema...preocupar demais com o futuro
27. Minha maior decepção....acredito que foi não ter feito uma base boa profissional, tive a oportunidade mas não agarrei.

Excluído: <#>Este  
lugar...?????????

28. Quando penso no meu trabalho...antes, so pensava quando estava nele, fora pensava em outras coisas. Mas ultimamente, fico pensando no que fazer pra me sentir melhor, mais útil, fico com medo de perder o emprego por não fazer diferença lá dentro, daí vai me dando um desespero e é quando choro.
29. Quando estou triste...choro , não consigo comer, também não consigo esconder , mas não me faço de vítima
30. Estou melhor quando...estou em minha casa , ou quando faço alguma programação com minha família e amigos
31. Queria saber....controlar minhas emoções, sou muito imediatista, as vezes faço ou falo coisas que se tivesse pensado um pouco não o teria feito.
32. Considero que posso...melhorar em alguns aspectos , em algumas ocasiões me sinto imperfeita demais
33. Com frequência sinto...que exijo demais de mim mesmo , que poderia ser mais tranqüila
34. É difícil...encontrar amigos sinceros
35. É fácil...falar das minhas filhas
36. Eu quero...ser feliz
37. Não quero...ter problemas de saúde
38. Tenho dúvidas...do dia seguinte no meu trabalho , as vezes penso se estarei no meu setor amanhã, como sou tão pouco usada , penso que em breve não serei útil.
39. Me frustra...começar algo e não terminar, ultimamente isso tem acontecido comigo
40. Me cansa...um problema de alergia que não consigo descobrir a causa
41. Me chateia...rotina
42. Sinto dor...perda de parente e amigos na morte
43. Sinto prazer...em comer bem, ficar com minha família , rir , falar besteira
44. As vezes penso... como seriam as coisas se não tivesse vindo para Brasília
45. Sempre quis....ter boas condições de vida
46. Fracassei...em não ter feito uma base melhor profissionalmente
47. Eu mudaria...o começo do meu casamento , era muito impaciente, não era muito companheira
48. Meu passado...não sinto nenhum vontade de voltar
49. Meu futuro...ser feliz ao lado da minha família e amigos
50. Tentarei conseguir...Especializar-me em algo que realmente terei utilidade, porém gosto muito do setor em que estou, mas não vejo muito futuro aqui, infelizmente, queria muito pensar o contrário
51. Espero...quando ficar mais velha olhar para trás e ver que deu certo
52. Lutarei...por um futuro melhor para minhas filhas
53. Meu objetivo...ter estabilidade financeira e profissional para ter uma velhice tranquila

Excluído: ...'